



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

O MODELO EDUCACIONAL DA ICOMI (1961-1986)

Elen Vitória Chagas de Medeiros
201511290011

Macapá-AP
2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

O MODELO EDUCACIONAL DA ICOMI (1961-1986)

Trabalho apresentado por Elen
Vitória Chagas de Medeiros ao
Colegiado do Curso de
Licenciatura em História, para a
obtenção do grau de Licenciada
em História pela Universidade
Federal do Amapá.

Orientador: Prof. Dr. Adalberto
Júnior Ferreira Paz
Macapá-AP
2021

Orientador: Prof. Dr. Adalberto Júnior Ferreira Paz

Macapá-AP
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Cristina Fernandes– CRB-2/1569

Medeiros, Elen Vitória Chagas de.

O modelo educacional da Icomi (1961-1986). / Elen Vitória Chagas de Medeiros; orientador, Adalberto Júnior Ferreira Paz. – Macapá, 2021.
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em História.

1. Indústria e Comércio de Minérios S.A (ICOMI). 2. Sistema educacional - (ICOMI). 3. *company town*. 4. Amapá - História. I. Paz, Adalberto Júnior Ferreira. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

981.16 M488m
CDD. 22 ed.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo.

Gostaria de agradecer a minha família que em todos os momentos da minha vida me acolheram o que permitiu que eu pudesse aproveitar os aprendizados e experiências que vivenciei ao longo da minha vida acadêmica.

Agradeço imensamente ao meu orientador Adalberto Paz, que durante toda a produção da monografia fez-se presente com orientações e com incentivo emocional para que ela fosse escrita. A todos os meus professores que acompanharam a minha caminhada acadêmica, ao professor Sidney Lobato que durante as aulas projeto de pesquisa forneceu indicações extremamente necessárias para que o projeto se concretizasse.

Agradeço a todos os meus amigos por todo apoio emocional e companheirismo que me incentivaram a todo momento.

E agradeço fundamentalmente aos colaboradores que gentilmente através das entrevistas compartilharam suas experiências de vida durante as suas vivências na *company town* de Serra do Navio.

RESUMO

A instalação no Território Federal do Amapá da Indústria e Comércio de Minérios S.A (ICOMI) resultou na criação de duas *company towns* sendo efetivadas da década de 1960, na Vila Amazonas, atual município de Santana, e outra em Serra do Navio. A natureza das *company towns* perpassa por um complexo estrutural que abarca escolas, hospitais e locais de lazer, dentre essas estruturas, o sistema educacional icomiano passou a ser um instrumento da empresa que capacitou os trabalhadores para aprofundar seus conhecimentos técnicos e por meio de seus filhos buscou formar o trabalhador ideal a partir da difusão dentro das escolas dos ideais icomianos e da educação profissional propagada no período da ditadura militar. A presente monografia buscou analisar através de entrevistas dos agentes sociais do período, tais como professores e alunos da Escola de Serra do Navio, e artigos da revista *ICOMI Notícias*, de que forma a educação presente na *company town* de Serra do Navio tornou-se mecanismo de consolidação de seu sistema.

Palavras-chave: ICOMI, educação, *company town*

ABSTRACT

The establishment in the Federal Territory of Amapá of Indústria e Comércio de Minérios S.A (ICOMI) resulted in the creation of two company towns in the 1960s, one in Vila Amazonas, now the municipality of Santana, and the other in Serra do Navio. The nature of the company towns goes through a structural complex which includes schools, hospitals, and leisure areas. Among these structures, the ICOMI educational system became an instrument of the company which trained the workers to deepen their technical knowledge and, through their children, sought to form the ideal worker by disseminating within the schools the ICOMI ideals and the professional education propagated during the military dictatorship. This monograph sought to analyze through interviews of the social agents of the period, such as teachers and students from the Serra do Navio School, and articles from the *ICOMI Notícias*, how the education present in the company town of Serra do Navio became a mechanism consolidating your system

Keywords: ICOMI, education, *company town*

Lista de figuras

Figura 1 – Modelo de Casa dos trabalhadores da empreitada de Ford na Amazônia.....	16
Figura 2 – Imagem aérea da <i>company town</i> em seu início.....	20
Figura 3 - Vista aérea de Serra do Navio, Fotografia da Vila BC e A em Serra do Navio em 1983.....	24
Figura 4 - Alunos em Serra do Navio hasteando a bandeira nacional cotidianamente na ESNNAV na década de 1960.....	38
Figura 5- Alunos da banda da escola num desfile tradicional de 7 de Setembro. Serra do Navio.....	39
Figura 6- Capa da Revista <i>ICOMI Notícias</i>	40
Figura 7 - Alunos da ESNNAV na década de 1960.....	41
Figura 8- Mapa da localização da região do Cachaço.....	43

Lista de tabelas

Tabela 1 - Número de funcionários da ICOMI, dentre eles os locais e os migrantes.....	21
Tabela 2 - Relação entre população, nível de alfabetizados e número de estudantes em escolas no ano de 1960.....	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Os grandes projetos na Amazônia: Uma análise do impacto fordista e a busca do trabalhador ideal	15
1.1 “Vazio demográfico” - O fordismo na Amazônia.....	15
1.2 O surgimento da ICOMI e a vivência na <i>company town</i>	19
1.3 O trabalhador icomiano no fordismo e os anos finais da empresa.....	24
2.Educação e Fordismo: Uma análise da educação e trabalho	28
2.1 - Educação Profissional - O caso SESI, SENAC e SENAI.....	28
2,2.O trabalhador e a educação no contexto militar.....	33
3. Educação Icomiana em Serra do Navio - Experiências docentes e a nova roupagem educacional ao “caboclo operário”	37
3.1 A Escola de Serra do Navio como formadora do futuro cidadão ideal.....;	37
3.2 Experiências dos trabalhadores da educação icomiana.....	45
3.3 O ensino profissional da ICOMI	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

A História Social do trabalho é uma linha de pesquisa que abrange as mais diversas temáticas que envolvem não somente as relações de trabalho de forma isolada, mas os mecanismos que condicionam esses trabalhadores a atuarem de acordo com as normatizações e padrões referentes a cada empresa ou indústria. Dentre os mecanismos adotados encontra-se a *educação*, temática que será abordada na referente pesquisa a partir da temática do trabalho, buscando compreender a rede educacional enquanto um instrumento visando adaptar esse trabalhador.

A “modernização” brasileira no século XX culminou em diversas empreitadas na região amazônica com a justificativa do “vazio demográfico” resultando na criação de diversos projetos que costumavam contar com o apoio estatal para adequação dessa região a lógica capitalista. Ao analisar essa experiência, Grandin¹ aponta que as empresas instaladas passaram a adequar a realidade local sob ótica do modelo fordista inserindo o trabalhador em uma uniformização através da construção de complexos industriais que comportavam diversos serviços como hospitais, entretenimento e escolas.

No Território Federal do Amapá (TFA), a exploração do minério de ferro pela ICOMI necessitava de mão de obra que atendesse a demanda da produção para o contexto de Guerra Fria, para Paz² e Ernani³ a exploração do trabalhador, sobretudo a do caboclo que agora torna-se operário necessitava de um programa mais amplo de qualificação. A partir da década de 1960 a educação profissionalizante cresce principalmente apoiada pela ditadura militar como uma das formas de coesão social e reprodução de trabalho.

Os complexos habitacionais criados pela ICOMI abrangiam a construção de uma escola na Vila Amazonas e outra em Serra do Navio que ofereciam ensino via de regra apenas aos filhos dos trabalhadores com um determinado padrão educacional no TFA, portanto a pesquisa buscou compreender como se deu a montagem desse processo educacional em Serra do Navio e de que forma aconteceu a atuação dos agentes participantes para consolidá-lo, incluindo professores, alunos, funcionários, coordenadores pedagógicos e a família dos trabalhadores.

1GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010

2PAZ, Adalberto Ferreira Junior. Capital, trabalho e moradia em complexos habitacionais de empresa: Serra do Navio e o Amapá na década de 1950. In: AMARAL, Alexandre. *Do lado de cá: fragmentos da história do Amapá* [et al.] Belém: Editora Açai, 2011.

3DA SILVA, Carlos Ernani Alexandre. *Exploração e degradação social dos trabalhadores na Amazônia: o Fim do Projeto Icomi*. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, SP, 2002, p. 53.

Essa adequação foi se reafirmando a partir do crescimento da *company town* com o aumento da demanda por funcionários especializados, sobretudo para operar funções que necessitavam de capacitação profissional e cuja mão de obra era considerada insuficiente para a empresa no TFA. Isso significou a adoção de um modelo próprio para capacitar o futuro operário a trabalhar naquilo que pudesse servir aos interesses de quem fornecia o serviço educacional, em consonância com a lógica civilizatória e o processo de modernização da região amazônica.

A exploração desses trabalhadores é objeto de estudo de Carlos Ernani na sua dissertação *Exploração e degradação social dos trabalhadores na Amazônia: o Fim do Projeto Icomi*⁴ no qual afirma que o alto número de trabalhadores assalariados contratados para o trabalho braçal era da própria região enquanto que os mais qualificados eram importados dos Estados Unidos, principalmente engenheiros. Nos relatos obtidos em sua pesquisa consta também a adequação desses trabalhadores a outros postos de trabalho através de cursos técnicos fornecidos pela própria empresa.

Na sua dissertação *O Controle Social exercido pela Icomi como estratégia de uso e ação sobre o território no Amapá, de 1960 a 1975*⁵, Elke Nunes afirma que ao analisar os instrumentos que a ICOMI utilizou-se para construir uma estrutura que buscou resultar num poder disciplinar hierarquizado, compreende-se que envolvia também a família do funcionário que residia nas vilas operárias através de uma qualificação da mão de obra dos seus funcionários baseado no modelo do bem estar social do fordismo.

Ernani e Nunes compreendem que a adoção de estratégias para o condicionamento do comportamento foi utilizado para garantir a produção desejada, assim como também para inserir o trabalhador em uma lógica própria à *company town* a fim de gerar uma noção de acolhimento tornando-o mais passível.

Logo, a inauguração de uma rede própria de ensino com a efetivação de escolas e oferta de cursos técnicos aos trabalhadores e seus familiares visando a manutenção da organização social, pretendida em longo prazo obter uma mão de obra mais capacitada a funções específicas na empresa.

Os processos históricos da pesquisa remetem a efetivação das duas *company towns* em 1961, tendo como recorte espacial Serra do Navio, local onde se localizavam as minas, e também onde fora construído o estabelecimento de ensino analisado. O modelo educacional

4 DA SILVA, Carlos Ernani Alexandre. *Exploração e degradação.. op cit, 2002.* p. 53.

5 NUNES, Elke Daniela Rocha. *O Controle Social exercido pela Icomi como estratégia de uso e ação sobre o território no Amapá, de 1960 a 1975.* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Unifap, AP, 2010, p.78

perdurou até 1986 quando iniciou-se o declínio das atividades de extração de minério da ICOMI.

Portanto, tal relevância da monografia representa a contribuição ao conhecimento histórico sobre os elementos analisados que significam a construção do modelo educacional da ICOMI, além da compreensão do processo de capacitação do caboclo, ampliando assim as noções sobre como a empresa entendia a educação dentro dos parâmetros de uma *company town* e do modelo fordista.

Para a obtenção dos resultados foi necessária a realização de entrevistas com os agentes participantes desse processo histórico, assim como a análise dos artigos da revista *ICOMI Notícias*, além dos censos populacionais referentes a esses processos históricos, apontando dados como escolarização e alfabetização.

Segundo Meihy e Holanda⁶, a história oral enquanto método pode ser compreendida como um conjunto de procedimentos que estabelecem uma relação entre entrevistador e entrevistado, logo as entrevistas têm a finalidade de obter registros de memórias sejam elas individuais ou coletivas e através delas traçar um panorama das experiências vividas.

As entrevistas foram essenciais na pesquisa visto que, por meio delas, houve a obtenção dos relatos dos agentes que participaram da criação do modelo educacional da ICOMI e as suas perspectivas sobre esse processo, sendo resguardado o sigilo sobre suas identidades.

A análise dos artigos da revista *ICOMI Notícias* se deu através de um conjunto de métodos necessários que, de acordo com Bacellar⁷, incluem fatores como interpretação e contextualização. As revistas foram publicadas de 1964 a 1967 somando um total de 36 revistas que se encontram digitalizadas e disponíveis para consulta de forma *online*. As revistas possuem informações como o cotidiano do trabalho, a vida nas *company towns* assim como homenagens a trabalhadores que ingressavam no sistema de ensino profissionalizante da empresa, constituindo-se, desse modo, em uma fonte essencial para entender o modelo educacional que a empresa queria ofertar.

A presente monografia utiliza-se do conceito de experiência do historiador Edward Thompson, que consiste em perceber os sujeitos históricos através da construção de determinados valores e sua participação enquanto ser social dentro de uma estrutura vigente⁸.

6 MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *Manual da História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002

7 BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos. Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

8 Ver THOMPSON, Palmer Edward. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

O conceito de experiência é trabalhado nas obras *Capital, trabalho e moradia em complexos habitacionais de empresas: Serra do Navio e o Amapá na década de 1950*⁹ e *Os mineiros da floresta*¹⁰, de Adalberto Paz, que busca analisar de que forma os operários da ICOMI articularam-se em relação ao sistema de padronização do trabalhador no interior das cidades construídas pela mineradora.

Outros conceitos são analisados ao longo da historiografia sobre a empresa, tais como o de controle utilizado por Nunes, cuja análise perscruta de que forma a empresa buscou operar estratégias de dominação sobre os trabalhadores através de um conjunto de determinações que envolvia diversas esferas da vida desse operário, desde o lazer até as escolas. Nunes recorre ainda ao conceito de disciplina baseado em Foucault para entender os mecanismos do condicionamento operário.

Paz e Nunes apresentam dois conceitos que embora diverjam de algum modo entre si, sobretudo quanto à ênfase dada à ideia de controle, apresentam complementariedade na compreensão da disciplinarização exercida pela empresa sobre os trabalhadores e a sua contrapartida na forma da resistência operária.

O trabalho está estruturado em três partes. O primeiro capítulo realiza uma revisão historiográfica sobre a ICOMI, a natureza de funcionamento de uma *company town*, assim como busca situar a Amazônia no contexto do século XX. Também são analisadas as relações entre o Estado, durante os governos militares, o incentivo à modernização amazônica e o cotidiano dos moradores de Serra do Navio.

O segundo capítulo busca identificar os aspectos de um modelo de educação desenvolvido em sistemas de indústrias e comércio, assim como busca apontar pontos em comum com uma lógica de capital, partindo da análise de autores que interpretaram a relação entre educação e capital. Partindo da disciplinarização do trabalho técnico ampliado à família operária, busca-se entender a formação dos trabalhadores da ICOMI por meio do sistema de educação adotado pela mineradora.

No terceiro e último capítulo discute-se os mecanismos de operação do sistema educacional icomiano focando na *company town* de Serra do Navio, através das experiências dos moradores locais que estudaram e trabalharam na Escola de Serra do Navio. Dentre os objetivos, pretende-se interpretar as transformações sócio-educacionais ocorridas no período,

9 PAZ, Adalberto Ferreira Junior. *Capital, trabalho e moradia ... op cit*, 2011

10PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. *Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do caboclo-operário no início da mineração industrial*. Belém: Paka-Tatu, 2014.

assim como confrontar tais experiências com o discurso da empresa visando a “plena civilização” dos trabalhadores através da educação.

Capítulo 1 - Os grandes projetos na Amazônia: Uma análise do impacto fordista e a busca do trabalhador ideal.

1.1 “Vazio demográfico” - O fordismo na Amazônia

As empreitadas econômicas na região amazônica somadas à narrativa de modernização culminaram com o desenvolvimento de diversos grandes projetos na região de caráter “civilizatório”, tendo em vista que se operavam sobretudo através de uma justificativa progressista. O mito do vazio demográfico acabou por tornar-se um legitimador de um grupo dominante sobre um espaço já povoado/habitado a exemplo de Serra de Navio.

Tal busca por “Eldorados” resultou além de uma exploração de recursos naturais, em projetos que impactaram a vivência local. No início do século XX, o discurso varguista da modernização e o incentivo a entrada de diversas ações de cunho empresarial na Amazônia junto com o contexto de bem-estar social, foram responsáveis pela adoção de um novo sentido aos “benefícios” concedidos ao trabalhador nesses projetos.

Tendo como um dos projetos mais conhecidos na região Amazônica, Fordlândia¹¹ abrangeu um dos maiores meios de integração da Amazônia a economia internacional, principalmente devido ao contexto de entre guerras e a necessidade da exploração gomífera também aliada a narrativa do Eldorado amazônico visada por empreendedores internacionais.

Na década de 1930, Henry Ford empreendeu no Pará um projeto de silvicultura que significou um novo modelo nas relações de trabalho, em vista que o seu caráter incluía uma nova roupagem de trabalhador que impactaria diretamente a vida dos moradores locais. A criação de uma cidade modelo baseada nos moldes norte-americanos modificou todo o lugar, visto que se tem também um impacto nos costumes e cotidiano. Grandin em sua obra Fordlândia¹² analisa o surgimento e os principais motivos que resultaram na queda desse modelo, como o apoio nacional e local:

A notícia de que Ford havia concluído a transação suscitou muita especulação sobre sua capacidade de reanimar a Amazônia. Os partidários da modernização, tanto de São Paulo como o cônsul Lima, mas também da Amazônia esperavam que o plano de Ford, de desenvolvimento industrial associado a altos salários superasse a pobreza e o atraso da selva, cuja origem muitos pensasse (sic) estar na economia extrativista e de endividamento¹³

Enquanto Sena ao analisar os fatores geográficos e ambientais ao apontar o impacto de Fordlândia na agricultura local expôs o principal fator devido a localização:

Esse fato teve reflexos também em Dearborn, pois os ingleses a fim de manterem o preço da borracha em alta, criaram o cartel da borracha no Sudeste Asiático,

11 A plantação localizava-se a margem do Rio Tapajós, um afluente do rio Amazonas.

12 GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

13 GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda... op. cit. 2010. p. 126*

obrigando Henry Ford (1863-1947) a pensar em produzir sua própria matéria-prima se quisesse ter garantia no abastecimento de látex para a fabricação dos pneus dos seus automóveis, a preços competitivos. Em Dearborn, distrito de Detroit, Ford produzia 1.200 automóveis por dia, empregando mais de cem mil operários em suas fábricas. Assim surgiu a idéia (sic) de Ford produzir borracha na Amazônia. A escolha do Vale do Tapajós para sede do seringal racional deveu-se ao fato de lá terem saído as 70 mil sementes que Henry A Wickham levou para Londres.¹⁴

Ressalta-se que o governo federal, através da figura de Getúlio Vargas criou uma tentativa de modernização que culminava não apenas no próprio incentivo econômico de desenvolvimento, mas na readaptação da população originária a lógica desenvolvimentista.

Os trabalhadores anteriormente destinados ao extrativismo local agora se veem adeptos a um modelo padronizado, desde a escala de trabalho até o modelo de vestimentas, moradia, etc. Afirma Grandin: As casas projetadas em Michigan, provaram-se totalmente inadequadas para o clima da Amazônia. Os brasileiros contestaram a instalação de telas nas janelas que os dirigentes da Ford insistiam em usar¹⁵

Dentre um dos exemplos de moradia, tem-se a figura 1:¹⁶:

Figura 1 – Modelo de Casa dos trabalhadores da empreitada de Ford na Amazônia



Fonte: GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva*. Rio de Janeiro: Rocco. Ano 1933, p.277.

Entretanto, nesse modelo a tentativa de adaptação do trabalhador mostrou-se infrutífera, não apenas nos seus afazeres, mas no próprio modelo da cidade, tendo como um

14 SENA, Cristovam. *Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia*. Cad. hist. ciênc. v.4 n.2 São Paulo, p. 89-108. 2008.

15 *Ibidem*. 2010. p. 277.

16 Como parte do sistema que Henry Ford propôs fazer, a construção da company town em Belterra desobedecia ao padrão nativo.

dos maiores entraves o mais básico como o próprio modelo de casa escolhido, os questionamentos dos trabalhadores sobre as inadequações passavam a ser um entrave para Henry Ford.

Porém, a iniciativa de Henry Ford não buscou apenas criar o operário em sua linha de montagem estrutural. A busca por transformá-lo em um trabalhador ideal para atender aos padrões da empresa perpassou ao aspecto intelectual. Ford atentou-se a readaptar a mentalidade do seu funcionário através do sistema de ensino, para isso criou um modelo de ensino que padronizasse os bons costumes.

Grandin argumenta ainda que esse obstáculo dava-se através do desconhecimento dos empreendedores sobre a realidade local “Eles também nunca souberam quem eram os trabalhadores, além de habitações inadequadas, os gerentes da Ford lançaram um programa de educação cívica e recreação que pouco tinha a ver com a Amazônia e tudo a ver com a América”. Sobre a educação cívica empregada na região, Charles Sorensen elogia o trabalho desenvolvido por Ford na Amazônia.¹⁷

O modelo Fordista de produção criado por Henry Ford caracteriza-se pela produção em massa de mercadorias a partir de uma divisão de tarefas altamente controlada e padronizada. Essa técnica é estudada por Batista ao pensar a forma de organização via esteira de montagem, no qual ela debruça-se sobre as disparidades do modelo de produção fordista, taylorista e toyotista. Ao analisar as relações de trabalho e a relação de continuidade e ruptura Batista afirma que essa técnica priorizava sobretudo a relação de consumo e acumulação flexível, preocupando-se, portanto, pouco verdadeiramente com os trabalhadores nesse sistema.

No início do século XX, o modelo de organização de trabalho de Henry Ford caracterizou um dos momentos de luta de classes. A indústria automobilística fordista sistematizou o trabalho mecanizado via esteira de montagem. Com a padronização de poucos modelos Ford customizou a produção de carros em série, e que após a Segunda Guerra Mundial ao lado dos métodos de Taylor pode abastecer o consumo de massa.¹⁸

Com a criação desses modelos de produção verifica-se também uma reestruturação nos modelos de relação, com a criação de cidades modelos, *company towns* e vilas operárias tornam-se o centro de discussão sobre essa remodelação do trabalhador e do seu modo de vida.

17 GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e que... op. cit. 2010.* p. 277.

18 BATISTA, Erika. Fordismo, taylorismo e toyotismo: apontamentos sobre suas rupturas e continuidades. *III Simpósio Lutas Sociais na América Latina*, v.2. 2008. p.2.

Os debates sobre a criação das *company towns* no âmbito internacional são analisadas por Porteous¹⁹. Segundo este autor, o conceito surge sobretudo através das experiências norte-americanas no século XX, e em alguns estudos há certa conotação negativa do termo, tendo em vista que atrelado a ele existem condições e mecanismos de controle e subordinação dos trabalhadores ao regime de produção a partir de determinados condicionamentos.

Porteous entende a natureza da *company town* enquanto uma estrutura física envolvida diretamente com uma atividade econômica local baseada em que área a empresa em questão irá se concentrar, por isso o autor afirma:

Pioneering in remote areas is in general concerned with the rapid extraction of initially readily available resources. The town is situated on site in case of mineral extraction, or a convenient collecting point in the cases of fishing lumbering, and petroleum drilling.²⁰

Para Felui e Vergara, nos Estados Unidos parte do debate sobre *company towns* trata da relação entre os serviços oferecidos enquanto atrativos e benefícios visando a familiarização com a empresa que os ofertam, embora isso não represente a ausência de conflitos:

Social services were not free of contradictions, and the community usually complained about services, was the case with health-care services, which were provided for free to company workers and their families under an agreement signed with the National Health Service.²¹

Sobre os serviços ofertados ambos os autores concordam no regime de “benefícios” enquanto empregado pela *company town*, como atrativos para trabalhadores em condições mais básicas de qualidade de vida.

A criação de *company towns* em mais diversas experiências ao redor do mundo em diferentes continentes significou uma profunda mudança nas relações de trabalho antes conhecidas. A oferta de serviços sociais aos trabalhadores em regiões no qual comumente são de difícil acesso fez com que muitos se deslocassem para trabalhar, visto que por via de regra eram instaladas em lugares periféricos.

Adalberto Paz aponta a diferença entre *company towns* e vilas operárias. *Company towns* trazem consigo também um discurso civilizatório, com um planejamento arquitetônico visando maior controle dos operários, como ocorrido em Serra do Navio e Vila Amazonas,

19 PORTEOUS, J. Douglas. The nature of the company town. *Transactions of the Institute of British Geographers*, p. 127-142, 1970.

20 PORTEOUS, J. Douglas. The nature of... op. cit, p. 127-142, 1970

21 VERGARA, Angela; Feliú Garcés Eugenio. A Modern Company Town in the Chilean Andes, In: VERGARA, Angela; Dinius, J. Oliver (org.). *Company Towns in the Americas: landscape, power, and working-class communities*. University of Georgia Press, 2011. p. 191

ambas pertencentes à ICOMI, no Território Federal do Amapá na década de 1960. Enquanto nas vilas operárias, experiências vividas em maior quantidade no sudeste brasileiro, costumavam deter um maior grau de autonomia, já que seu caráter imediato de construção permitia menores restrições de liberdade aos moradores, para isso, estruturas de poder eram necessárias a longo prazo.

Paz afirma:

Company towns possuem um planejamento arquitetônico que leva em conta, além da proximidade entre as casas operárias e o local de atividade produtiva, a máxima eficiência entre os diferentes setores da empresa. Surgem como necessidade econômica imposta ao capital, principalmente nas regiões de fronteira.²²

Tanto nas *company towns*, quanto nas vilas operárias, o acesso e circulação de pessoas alheias a empresa no interior da vila operária estaria mais sujeita ao controle rígido devido a ampla restrição de convivência e imposição de normas aos moradores locais para contínuo usufruto dos serviços oferecidos pela empresa.

1.2 - O surgimento da ICOMI e a vivência na *company town*.

Dentre os autores que corroboram sobre o surgimento da empresa, Silva pontua que a ICOMI surge no ano de 1946 através da permissão da exploração de jazidas de manganês no Território por meio do Decreto Lei nº 9858.²³ Na década posterior à sua criação o ano de 1953 é primordial para o surgimento da empresa pela efetivação dos dois contratos de infraestrutura que abarcaram as construções de uma estrada de Ferro localizada em Serra do Navio e um porto localizado em Santana (denominado no período de Porto de Macapá) para o carregamento de minério. Essa modernização impulsionada pela expansão da indústria mineral iniciou-se através de empréstimos com bancos estrangeiros, em especial o EXIMBANK até a década de 1960.

A empresa através desses contratos passa a possuir também outros tipos de influência, obtendo um controle econômico do Território atinge a esfera do poder político, Silva pontua:

Esse contrato foi o que direcionou toda a economia amapaense. Nada poderia ser efetuada sem a participação da ICOMI, direta ou indiretamente. Das propostas de planejamento regional direcionadas ao Amapá, as que estavam na área de influência imediata dessa empresa foram timidamente incentivadas, como ocorreu nas colônias agrícolas do atual município de Pedra Branca do Amapari²⁴

22 PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. Capital, trabalho e moradia em complexos habitacionais de empresa: Serra do Navio e o Amapá na década de 1950. In: AMARAL, Alexandre et al. *Do lado de cá: fragmentos de História do Amapá*. Belém: Açaí, 2011. p 463.

23 DA SILVA, Carlos Ernani Alexandre. *Exploração e degradação social ...* op. cit, p.29

24 Ibidem p. 41

Figura 2 – Imagem aérea da *company town* em seu início



Fonte: Início da construção da *company town*, década de 1950. 1 fotografia. Disponível em https://m.facebook.com/story/graphql_permalink/?graphql_id=UzpfSTeWMDAwMzM5MzY2OTQ1NDpWSzo3MTk5Mzc3NjUwODU4MTk%3D. Acesso em 1 de agosto de 2019.

Em ambas as *company towns* havia a necessidade de introduzir e capacitar moradores locais, tendo em vista que a mão de obra não era especializada, surge, portanto, desde a construção da infraestrutura na década de 1950 até o trabalho formal dentro dos complexos uma grande leva de trabalhadores migrantes, com maior grau de instrução e cursos específicos sobretudo da região de Minas Gerais e do Rio de Janeiro onde também tinham escritórios da empresa. Inicialmente foram contratados professores, médicos e engenheiros da região do sudeste, enquanto trabalhadores braçais eram do próprio Território Federal, estado do Pará e ilhas da foz do rio Amazonas, além de alguns estados do nordeste.

Tabela 1 - Número de funcionários da ICOMI, dentre eles os locais e os migrantes

PERÍODO/ANO	NÚMERO DE EMPREGADOS REGISTRADOS
1957-1960	1.940
1961-1965	1.256
1966-1970	1.082
1971-1975	1.480
1976-1980	1.343
1981-1985	1.189
1986	1.060
1987	785
1988	746
1989	778
1990	694
1991	722
1992	560
1993	526
1994	375

Fonte: NUNES, Elke. *O controle social exercido pela ICOMI como estratégia de uso e ação sobre o Território no Amapá, de 1960 a 1975*. Dissertação de mestrado em Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. UNIFAP. Macapá. 2010.

Nas memórias da professora Áurea Mello, natural do Rio de Janeiro, durante a sua chegada no Território na década de 1960, que também foi diretora da ESVAM²⁵ reforça-se o estereótipo da vida amazônida, incluindo a visão de atraso repassada pelo Estado e a necessidade de educar e civilizar os moradores locais. Na visão das pessoas de sua convivência, tal região era marcada por um vazio intelectual que era estereotipado por um suposto “primitivismo silvícola” ou ainda a “não civilidade” dos seus habitantes.

“Quando comentei afinal, sobre a vida na ICOMI, o que encontraríamos por lá e sobre o procedimento moral que uma professora deveria manter, festas nas

25 Escola da Vila Amazonas, localizada na *company town* denominada Vila Amazonas.

comunidades, etc (...). Disseram-me: mas você é louca: E se for uma tribo de índios?²⁶

Aos trabalhadores da região Sudeste, a empresa oferecia passagens de ida e de volta durante as férias, sobretudo para os estados de Minas Gerais e São Paulo, incluindo o descolamento para visitas familiares, no caso de professores, engenheiros e administradores. Sobre o ideário apontado, nas vivências das *company towns*, a ICOMI buscou introduzir um modelo de família, no qual ao homem cabia o trabalho operário. Nesse sentido, a professora Áurea Mello é um dos exemplos do modelo criado pela empresa, dentro da *company town*, ou seja, à mulher cabia a educação, sendo ela informal em casa ou formal escolar.²⁷

Como aponta Nunes:

Uma segregação espacial determinada não apenas pela estrutura hierárquica entre os funcionários, mas também, influenciados por relações de gênero, onde ao homem cabia o uso quase irrestrito da maior parte das mulheres era lhes reservado apenas o espaço privado, com exceção das poucas mulheres que trabalhavam de professoras e enfermeiras²⁸

Dentro da *company town* desde a década de 1960, a imagem acerca da sociabilidade tanto em Serra do Navio quanto na vila Amazonas era marcada pela propagação de uma boa convivência dentro da *company town*. A empresa propagava a qualidade de seus sistemas de lazer, de saúde e educação, como oferecer aos seus funcionários uma completa rede de assistências que até então não havia no Território Federal do Amapá, com destaque para atendimento à saúde²⁹ e a educação tendo, inclusive, criado na *company town* de Vila Amazonas (atual município de Santana) um complexo hospitalar para atender a população que lá residia.

Na *company town* de Serra do Navio havia o chamado “campo comum” que abarcava os setores primários e secundários contando com piscina, campo de futebol e havia ainda o restrito CCH³⁰. Esse último comportava uma ala tecnológica que estava acima dos padrões nacionais, permitindo formas de lazer restritas a apenas uma parte dos moradores como sauna e boliche, enquanto que o cinema era aberto a toda a comunidade.

26 FORTES, Áurea Mello. *Serra do Navio*. Taubaté: Center Gráfica. 2018, p.12

27 Havia uma seção de destaques na *Revista Icomi Notícias* direcionadas a mulher icomiana enquanto um modelo de dona de casa a ser seguido, como padrões de organização para o lar e receitas culinárias. Além de serem retratadas nas revistas como apenas do lar e provedoras da educação complementar ao filho. A elas cabia a função de modelar o então futuro trabalhador da empresa. Como aponta na revista ICOMI Notícias há a exaltação da mulher no ambiente do lar e do homem enquanto provedor operário. Omite-se, então, a figura da mulher operária, quando muito ela estaria dedicada à educação (caráter maternal) e à área da saúde (hospitais da empresa), em ambos os casos tendo acesso a cursos profissionalizantes e de aperfeiçoamento.

28 NUNES, Elke. *O controle social exercido ... op.cit.*, p. 35-36.

29 MATOS, Marlos Vinícius Gama de. *Saúde e trabalho nas cidades do manganês: o programa de saúde da ICOMI no Amapá (1961-1975)*. 2018. Monografia. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

30 Clube e casa de Hóspedes.

A respeito da saúde, Matos analisando fichas de funcionários da ICOMI argumenta que o programa de saúde da mineradora acabava por se tornar mais uma forma de controle da empresa no interior dos seus domínios no Amapá. Somava-se a isso a padronização de alimentação visando à garantia de um trabalhador ativo e viril necessário para a manutenção da produção em pleno funcionamento.

De acordo com Nunes em sua dissertação ao analisar os mecanismos adotados pela empresa de controle social aos seus trabalhadores entende-se através de Foucault que o poder disciplinar exercido era executado em toda a família do operariado baseando-se também em um padrão moral vigente.³¹

A empresa operava um sistema de vigilância que se valia também no convencimento aos próprios trabalhadores de que aquela estrutura de poder era necessária para que ocorresse uma permanência dos serviços oferecidos. Através de diversas formas a empresa ofertava “benefícios” e, para a manutenção de tais benefícios a empresa adotara um modelo rígido de hierarquia. Esse controle fazia-se presente tanto na Vila Amazonas quanto em Serra do Navio.

Na alimentação, por exemplo, era regrada por nutricionistas em Serra do Navio originários de São Paulo. A diretora da ESVAM aponta da obrigatoriedade do sal cloroquinado para prevenção da malária, além de comprimidos que comprometiam a saúde do fígado. O uso desse comprimido era observado pelos agentes da saúde que fiscalizavam e caso constatassem que o funcionário não tomou o pagamento do salário era retido.

O sal cloroquinado era consumido de duas maneiras: por meio de uma pílula que era administrada a cada duas semanas de casa em casa e; por meio da diluição da cloroquina no sal, que por sua vez era utilizado na alimentação.¹¹⁹ Para se certificar que todos os residentes de suas cidades consumiam o sal cloroquinado diluído na alimentação, a empresa realizava exames de urina a cada ano, se o resultado fosse negativo o indivíduo era chamado a atenção e deveria se explicar sobre a ausência da substância médica, além disso, os inspetores realizavam uma vistoria em todas as residências com o intuito de verificar se determinada família estaria se utilizando de um sal que não passou pelo processo de mistura.³²

Matos aponta também que a empresa seguia através desse método a partir do crescente fordismo nele incluído. privilegiava sobretudo então mecanismos de controle e obediência de seus funcionários através do próprio cotidiano da *company town*. Na sua efetivação a partir da década de 1960, a empresa adota algumas características do sistema fordista.

Ressalta-se que essa lista de serviços para o trabalhador era ampliada também a sua família, visto que a empresa mantinha um modelo ideal de família que devia ser seguido, composto a partir de uma ideia tradicional de família. Para isso a empresa buscou adaptar os

31 Paz e Nunes divergem teoricamente sobre o tema da normatização promovida pela empresa, pois, enquanto o conceito de controle social é abordado de forma mais rígida por Nunes, Paz debruça sobre a experiência no sentido atribuído ao termo segundo a obra de E. P. Thompson e James C. Scott.

32 MATOS, Marlos Vinícius Gama de. *Saúde e trabalho nas cidades...* Op. cit, p. 54-55.

filhos desses funcionários ao padrão ideal de operário a partir da ótica educacional com a criação de duas escolas, a ESVAM³³ e a ESNAV³⁴

Figura 3 - Vista aérea de Serra do Navio, Fotografia da Vila BC e A em Serra do Navio em 1983.

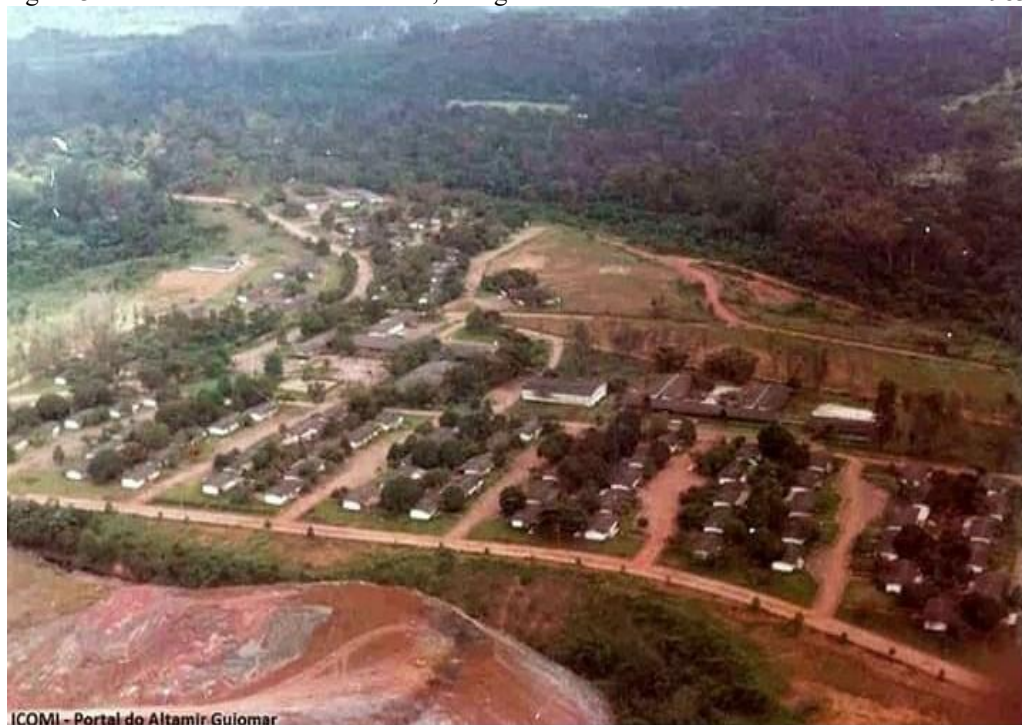


Imagem aérea da *company town* de Serra do Navio. 1 fotografia. Disponível em https://m.facebook.com/story/graphql_permalink/?graphql_id=UzpfSTEWMDAwMzM5MzY2OTQ1NDpWSzo3MTk5Mzc3NjUwODU4MTk%3D. Acesso em 20 de Fevereiro de 2019.

Saúde e educação projetadas desde o surgimento da empresa tornam-se cruciais para a manutenção da disciplinização dentro do projeto, a empresa concebia que a boa convivência dentro da *company town* perpassava pela ordem, ainda que implicasse a restrição do operário e sua família a certos locais da empresa. A narrativa modernizadora propagada pela própria ICOMI também nas seções das Revistas *ICOMI Notícias* demonstravam não somente aos trabalhadores, mas a todo seu entorno qual o ideário de modo de vida ali devia ser partilhado.

1.3 O trabalhador icomiano no fordismo e os anos finais da empresa.

Como analisado anteriormente, para Nunes o trabalhador icomiano estava inserido nos aspectos fordistas que a empresa buscou consolidar e teria como umas das características a disciplinização por meio do controle social. Dentre outros pontos desse meio ressalta-se que no sistema fordista icomiano a formação intelectual desse trabalhador torna viável apenas o

33 A ESVAM se localizada na Vila Amazonas, atual município de Santana

34 ESNAV se localizava no município de Serra do Navio

que o seu ofício propõe. Silva aponta que o sistema Fordista-Taylorista da empresa teria “levou ao limite o caráter mercantil da força de trabalho, ao pretender que, em troca do salário, o operário se tornasse numa prolongação da máquina”³⁵

Nesse sentido, Nunes complementa que dessa forma o fordismo estimulava no trabalho icomiano um afastamento entre o operário e seu ofício:

Assim sendo, a mesma operação repetida mecanicamente centenas de vezes por dia não incentivava qualquer crescimento intelectual, não gerava qualquer identificação com o trabalho e trazia pouca satisfação. Dessa forma, o fordismo estimulava o estranhamento entre trabalho e trabalhador. Muitas insatisfações surgem dos indivíduos com a rigidez desse modo de produção, pois, tal procedimento implicava a intensificação da jornada de trabalho extenuante e a eliminação do saber do indivíduo como elemento constitutivo do processo de trabalho.³⁶

Esse exercício da transformação do operário através do trabalho pode ser percebido no mundo icomiano por meio da sua ascensão, Silva pontua que a estabilidade de alguns funcionários (como mecânicos, operadores de máquina e trabalhadores da mina) ocorria através da própria experiência dentro do seu ofício laboral. Uma segunda possibilidade remota acontece anos posteriores quando a ICOMI oferta cursos de capacitação e profissionalização que permitiriam não somente um êxito no trabalho, mas uma opção de mão de obra caso fosse necessário à substituição, principalmente por acidentes de trabalho.

Silva argumenta que a empresa se utilizou dessa mão de obra menos qualificada. “Assim, pode-se observar várias estratégias tanto da empresa para formar o quadro de trabalhadores profissionais quanto dos próprios trabalhadores para se tornarem operários qualificados”³⁷. Apontando que para o trabalho ocorrido nas minas não seria necessário uma qualificação nem experiência anterior.

Como o censo de 1960 demonstra, há baixa taxa de pessoas alfabetizadas no Território Federal do Amapá, como em Serra do Navio e Santana:³⁸.

35 DA SILVA, Carlos Ernani Alexandre. *Exploração e degradação social... op. cit, p 68*

36 NUNES, Elke. *O controle social exercido ... op.cit, p. 90*

37 DA SILVA, Carlos Ernani Alexandre. *Exploração e degradação social... op. cit, p. 54*

38 Nesse ano ocorreu pela primeira vez o recenseamento do IBGE pela técnica de amostragem.

Tabela 2 - Relação entre população, nível de alfabetizados e número de estudantes em escolas no ano de 1960

Município	População	Alfabetizados	Número de estudantes
Zona de Mazagão	6119	1920	658
Serra do Navio	2054	1738	509
Zona de Macapá (Incluindo Serra do Navio)	45640	24605	11234
Oiapoque	3114	1528	671

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 1960. Rio de Janeiro :IBGE

Os impactos gerados pós ICOMI são objeto de estudos de diversas pesquisas. Os danos ambientais são recorrentes e perpetuam-se até os dias recentes. Mais comumente associados ao prejuízo ambiental, porém devido a essa remodelação e adequação dos funcionários ao ritmo de trabalho amplia-se também os danos causados aos funcionários gerando diversos processos trabalhistas contra a empresa.

Ainda sobre o legado ambiental deixado pela empresa no Território Federal até finalizar a extração do minério de ferro em 1987, quando o manganês foi considerado extinto na região, a ICOMI já havia ressignificado toda sua influência até a posição política. Silva ao analisar sobre o fim da exploração mineral expõe parte dos danos resultantes da operação da empresa assim como também o dano aos trabalhadores da mina que ali trabalhavam.

Luis Júnior³⁹ em sua dissertação aponta através do direito ambiental os danos gerados a Comunidade do Elesbão, porém apresenta uma visão de crescimento econômico, sobretudo através do faturamento que consolidou o grupo Caemi como a segunda maior mineradora do país. Enquanto Tatiana Pantoja afirma que os resultados econômicos eram divulgados como modelo de crescimento para o Território, ainda que pertencentes a iniciativa privada:

Os resultados obtidos com as *company towns* eram amplamente divulgados pelo GTFA [Governo do Território Federal do Amapá], como modelo de desenvolvimento a ser alcançado pelo Amapá, embora fossem fruto do capital privado. Era intento do governo Janary que esse modelo de família fosse estendido para o Território. A exploração da reserva de manganês e a formação de sociedade laboriosa e ordeira formavam o elo que ligariam o Território ao Estado Nacional. Por

39JUNIOR. Luiz Laboissiere. *Direito Ambiental do trabalho na atividade mineradora na Amazônia: um campo em construção*. 2011. 119 páginas (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) Programa de Pós Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas Universidade Federal do Amapá, Macapá. 2011.

isso, o governo de Janary assentava-se no trinômio “Sanear, Educar e Povoar”, orientando os setores que mais receberiam destaque.⁴⁰

Entende-se que a ICOMI, embora comumente tendo sido demonstrada como sinônimo de avanço em seu discurso oficial sobretudo através das Revistas *ICOMI NOTÍCIAS*, contrasta-se com um legado negativo tanto socialmente ao município devido ao impacto desse modelo de trabalho na região que resultou em danos ambientais. Assim como aos trabalhadores da empresa, que expostos ao minério de ferro por muito tempo, bem como as condições de trabalho que geravam acidentes nas minas tiveram sua saúde deteriorada.

Como parte de seu sistema da *company town* já abordada, a educação é parte desses serviços oferecidos aos trabalhadores e sua família, porém, esse modelo capitalista já havia experiências de modelo de adaptação desses trabalhadores. A educação no Território torna-se, portanto um instrumento da ICOMI de manutenção desse ideal modernizador. Como expõe Polliana Pimentel em sua pesquisa sobre a educação icomiana em na Vila Amazonas:

A retórica do progresso amazônico foi sustentada com entusiasmo também durante a predominância da educação icomiana. A ICOMI assim como o governo territorial objetivava alterar as heranças do passado, símbolo do atraso e subdesenvolvimento por meio da Educação, promovendo a ocupação desse espaço, fomentando o orgulho nacional.⁴¹

Uma educação que passa por reformulações no período militar e uma leva tecnicista que buscam moldá-lo aos parâmetros da empresa. A sua formação e a transformação em um trabalhador ideal soma-se a de um estudante das duas escolas primárias construídas nas *company towns* com as ofertas de cursos tecnicistas por professores icomianos, em sua maioria migrantes.

40 OLIVEIRA, Tatiana Pantoja. *Estado, Igreja Católica e a educação feminina: O papel estratégico da Escola Doméstica no Território Federal do Amapá (1951-1964)*. XXVIII Simpósio Nacional de História: Florianópolis, 2015. p. 58-59.

41 FERREIRA, Polliana Pimentel. *A Educação na Amazônia do ‘Ouro Negro’: O programa educacional da Icomi no Distrito de Santana/AP (1960-1984)*. 2019, 117 páginas. (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019. p. 33.

Capítulo 2 - Educação e Fordismo: Uma análise da educação e trabalho

2.1- Educação Profissional - O caso SESI, SENAC e SENAI.

A Educação no Brasil no século XX caminhou *pari passu* em relação aos interesses do sistema vigente. Devido ao aumento crescente da industrialização, sobretudo a partir do governo Vargas, as empresas passaram a preocupar-se com a criação de sistemas educacionais e modelos de ensino que atendessem às suas demandas de trabalho ampliadas não apenas aos funcionários, mas também a sua família, tendo em vista que nesse contexto a educação pensada não era apenas a escolar.

As experiências educacionais em empresas e indústrias na década de 1950 foram analisadas por Barbara Weinstein, em uma pesquisa fundamental para entender a função desse ensino dentro do meio capitalista. Segundo a autora o Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)⁴² buscavam remodelar o seu operário ainda em um processo recente de industrialização. Assim como em outras experiências, o trabalhador é encarado como um entrave que deve ser adaptado a lógica empresarial. De acordo com Weinstein:

Em sua concepção do trabalhador como um obstáculo a modernização, que não podia ser removido apenas por salários mais altos, o SENAI e o SESI podiam se inspirar em uma longa tradição que retratava as classes populares como ignorantes, doentes e perigosas, e desvalorizava o trabalhador manual e aqueles que o faziam⁴³

Ela analisa os casos através de uma coletânea de artigos publicadas na *Revista Educador Social*⁴⁴ criada por autores que compactuavam com a visão da empresa SESI. Sobre o conteúdo, Bárbara demonstra que a revista impunha conselhos sobre o modo de se vestir, trabalho, e cotidiano fabril que propunham, sobretudo, uma tentativa de criar o ‘trabalhador padrão’ desejado: “O SESI pretende apenas que o trabalhador brasileiro seja bom chefe de família, consciente de seus deveres e suas responsabilidades, que tenha maior capacidade técnica e produtiva”.⁴⁵

Serviços como o SESI, SENAI e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) surgem para remodelar o sistema de trabalho e buscar racionalizar os meios de produção em uma técnica de ensino que procurava principalmente promover em seu operário

42 Criado em 1946 era mantido por associações industriais.

43 WEINSTEIN, B. (Re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964). Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cortez, CDAPH-IFAN-Universidade São Francisco, 2000, p.242.

44 A revista o Educador Social começou a circular em 1952 e possuía caráter mensal com artigos curtos produzidos pela própria empresa.

45 Op cit, 2000, p.251.

adaptações que os tornavam obedientes ao sistema vigente, sobre a sua funcionalidade, ela complementa:

Respondendo a onda de greves industriais do pós-guerra, os dirigentes industriais fundaram o SESI como uma maneira de prover uma ampla série de serviços sociais aos operários da indústria e suas famílias. O SESI tinha também muito em comum com o SENAI: as atividades dos dois estavam imbuídas de uma nova ideologia de racionalização baseada nas inovações de Taylor, Ford e da psicologia industrial⁴⁶

Por isso, através de suas revistas, o SESI buscou inserir no seu trabalhador uma visão de incentivo ao trabalho enquanto moralizador do homem, no qual uma seção da revista intitulada “Trabalho” define-o enquanto motivo de orgulho. O moralismo religioso também se faz presente através dos artigos do padre Soder publicados na Revista “Educador Social” incentivando o ofício do operário a respeitar e obedecer aos patrões. Frigotto e Ciavatta em sua obra fundamental para entender a relação da lógica de ensino com o mundo capitalista analisam diversos autores, apontando que esse novo operário é submetido a uma transformação profissional:

Masson (1994) observa as demandas de educação e de formação profissional em face das transformações no processo de produção capitalista. Após analisar a especificidade das demandas de formação sob a organização “taylorista-fordista” do trabalho e as demandas postas pelas novas tecnologias e pelas mudanças da base produtiva, conclui destacando duas vertentes em relação às mudanças tecnológicas e à formação do “novo trabalhador”⁴⁷

Buscando através da revista incentivar os seus trabalhadores a considerar o trabalho enquanto um motivo de orgulho, no qual em uma seção intitulada “trabalhador” o definia como motivo de prazer e glória pessoal. Kuenzer em sua obra sobre as novas relações nesse meio aponta que é passado ao trabalhador uma nova percepção de educação:

Mudadas as bases materiais de produção, é preciso capacitar o trabalhador novo, para que atenda às demandas de um processo produtivo cada vez mais esvaziado, no qual a lógica da polarização das competências se coloca de forma muito mais dramática do que a ocorrida sob o taylorismo/fordismo. É preciso que o trabalhador se submeta ao capital⁴⁸

Frigotto e Ciavatta complementam também partindo da ótica de análise marxista, a relação do trabalho com a produtividade do cidadão “educado” para ser um futuro trabalhador produtivo partindo da lógica obediente e civilizatória:

Marx, na análise das teorias da mais-valia estabelece um longo debate crítico mostrando qual é a compreensão de produtividade e de trabalhador produtivo no pensamento dos fisiocratas, dos mercantilistas e dos teóricos do capitalismo: Smith, Ricardo, Sismondi. Todos esses autores vão disseminar ideias vulgares ou parciais

46 WEINSTEIN, B. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. Cadernos Pagu, Campinas, (v 4), 143-171, 2008.

47 FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. A formação do cidadão produtivo : a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p.79.

48 KUENZER, A.Z. Exclusão incluyente e inclusão excluyente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: Dermeval Saviani; José Luiz Sanfelice; José Claudinei Lombardi. (Org.). Capitalismo, trabalho e educação. 3ed. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 80.

do que seja trabalho e trabalhador produtivo que, em última análise, encobrem o sentido forte e efetivo de produtividade e de trabalhador produtivo para o capital.⁴⁹

Em contrapartida a esse modelo adotado que privava o trabalhador de uma independência racional, pode-se perceber de uma educação emancipadora para o trabalhador na ótica de Jesus, ao analisar a transformação do caboclo catarinense em um trabalhador rural, no qual o trabalho tem o sentido de aliená-lo de seu meio, e a educação entre o meio é essencial para perceber seu sentido no mundo:

Educação se efetiva como instrumento de luta que prepara os trabalhadores desenvolvendo as suas capacidades técnicas e potencialidades fisiológicas, políticas e técnicas, permitindo-lhe entender seu lugar no sistema produtivo e na sociedade em geral, permitindo-lhe conhecer a sociedade e transformá-la.⁵⁰

Enquanto para Jesus a educação ideal é a libertadora, a formação do trabalhador na realidade ocorre de outro modo. Ciavatta e Frigotto apontam a relação entre o trabalhador e a educação e afirmam que o capital acaba por usurpar do trabalhador uma educação que não seria apenas voltada para o campo produtivo:

A concepção de Marx sobre trabalho produtivo é clara nas suas duas referências: à produção de valores de uso e à extração de um valor excedente ao valor do trabalho remunerado pelo capital. Permite-nos entender que o senso comum, que se apropria dos termos trabalho produtivo e cidadão produtivo com o sentido de produtor de valor de uso está, historicamente, contaminado pela ideia da produtividade do trabalho segundo os padrões do capitalismo. O conceito de educação do homem integrado às forças sociais difere da mera submissão às forças produtiva⁵¹

Enquanto para Antunes, o trabalho pode ser definido como: “O exercício de uma atividade vital, capaz de plasmar a própria produção e a reprodução da humanidade, uma vez que é o fator responsável pela criação dos bens materiais simbólicos socialmente necessários para a sobrevivência da sociedade.”⁵²

O caso do SESI é marcado por um modelo fordista considerado recente, ainda em processo acelerado no mundo pós-guerra que ainda primava por um bem-estar social como forma de pacificação das demandas da classe operária em detrimento das lutas por direitos. Ferraz aponta que o fordismo entra em colapso a partir da década de 1970, quando uma crise internacional aumenta o caráter liberal rompendo com o modelo de bem estar social.⁵³

49 FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. *Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado?*. In: Trabalho, Educação e Saúde. 2003, p. 45 – 60.

50 DE JESUS, Samir. *Trabalho-educação e dominação do trabalhador: A formação histórica do caboclo serrano catarinense. 1992. 150 páginas (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 36*

51 FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. A formação do ... op. cit. 2006, p.34

52 ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: CATTANI, Antônio David; HOLLZMANN Lorena (org). *Dicionário do trabalho e tecnologia.*; 2 ed. rev. ampl. Porto Alegre: Zou, 2011, p.432

53 Para Duarte, o Estado de Bem-Estar Social, pode ser entendido enquanto: “Forma de Estado capitalista que se distingue pelas possibilidades que oferece aos cidadãos de acesso aos sistemas nacionais (públicos ou regulados pelo Estado) de educação, saúde, previdência social, renda mínima, assistência social, habitação, emprego, etc. Este Estado atua, portanto, na organização e produção de bens e serviços públicos e na regulação produção e distribuição de bens e serviços sociais privados.” Cf. DUARTE ...

O conceito de fordismo foi adotado pela primeira vez por Gramsci. Complementando a análise dos autores já citados, mecanismos adotados por Henry Ford que visam atrair o trabalhador através de “benefícios”. Surgindo atrelado a um período de bem estar social, pode ser definido por Filippini no dicionário Gramsciano:

O método de Ford age sobre o processo reprodutivo da força de trabalho, antes de tudo, pela política do alto salário que, porém, é bastante frágil, seja porque a compensação que promete em relação a deterioração psico-física é muito débil, os operários evitam-na, seja porque é ‘deplorante, deixando vislumbrar ao trabalhador exigências e liberdades que, ao contrário, devem ser inculcadas (por meio do proibicionismo, e até mesmo do freio a qualquer abuso ou irregularidade sexual) para garantir a eficiência física, isto é, muscular-nervosa, do trabalhador⁵⁴

Ford preocupou-se também com a educação escolar, criando em Belterra, no estado do Pará, escolas dentro de Fordlândia também a esse padrão de ensino aos filhos dos funcionários. Em Fordlândia esse modelo foi aplicado além do contexto da cultura escolar. “Em Belterra, centenas de garotos vestindo calções, camisas e bonés e meninas blusas brancas e saias escuras começaram a frequentar escolas batizadas com os nomes do filho e do neto de Henry: Edsel, Henry II e Benson”⁵⁵

Em relação ao SESI forma-se um padrão familiar baseado no homem operário, na mulher dona de casa e no filho participantes de cursos da própria empresa para seguir os padrões de educação e moral. Como complementa Weinstein:

A equipe SESI construiu sua imagem do operário brasileiro a partir de várias fontes ideológicas diferentes - doutrina católica reformada, fordismo, sociologia liberal e “lei social” corporativista - todas baseadas num discurso histórico que enfatizava a degradação moral dos operários brasileiros e desvalorizava o trabalho manual (pelo menos antes da fundação do SENAI e do SESI). Além disso, o pessoal do SESI estava construindo uma imagem do “jovem operário brasileiro” num momento em que a composição da força de trabalho industrial de São Paulo estava mudando, de forma notável, de um contingente de origem predominantemente europeia para um grupo mais diversificado que incluía grande número de recém-chegados do campo, muitos dos quais eram negros. A entrada no mercado desses operários “nacionais”, que os dirigentes do SESI consideravam especialmente inexperientes e “ignorantes” das exigências da vida industrial moderna, acentuou a tendência a considerar a força de trabalho urbana desajustada e necessitada de um aperfeiçoamento moral e cultural.⁵⁶

Na educação fordista está presente também o caráter civilizatório. Nesse sentido o SESI conta com cursos de alfabetização dos funcionários que buscavam inculcar “valores” morais e éticos correspondentes à essa perspectiva. Tal sistema preconizava que os funcionários fossem iniciados ao universo da leitura a partir de materiais selecionados e

54 LIGUORI, Guido. PASQUALE Voza; Orgs. Dicionário Gramsciano (1926-1937) Tradução: Ana Maria Chiarini; Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia de Bernadini-1 ed. São Paulo: boitempo, 2017, p.615.

55 GRANDIN, Greg. Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p 321

56 WEINSTEIN, B. (Re)formação da classe... op. cit., p.257

supervisionados em uma biblioteca específica. Ao analisar a relação entre trabalho e educação, Oliveira em seu artigo percebe através de autores como Kuenzer a necessidade de um operário ser instruído apenas em certas operações educativas:

Kuenzer (2002), também refletindo acerca das novas características que passam a compor o perfil do trabalhador adequado à lógica do modelo toyotista, enfatiza, entre outras, a exigência de: [...] habilidades cognitivas e comportamentais, tais como: análise, síntese, estabelecimento de relações, rapidez de respostas e criatividade diante de situações desconhecidas, comunicação clara e precisa interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, capacidade para trabalhar em grupo, gerenciar processos, eleger prioridades, criticar respostas, avalia procedimentos, resistir a pressões, enfrentar mudanças permanentes, alia raciocínio lógico-formal à intuição criadora, estudar continuamente, e assim por diante.⁵⁷

A preocupação do SESI com os jovens também se expressava por meio do escoteirismo, tendo inclusive adotado o Dia do Escoteiro como feriado comemorativo. O escotismo é tido como uma forma de ocupar o tempo do aluno e ensiná-lo a conviver de acordo com as suas normas pelo caráter, como expõe Weinsten, esse modelo era proposto pela empresa e disseminado na comunidade buscando seu apoio:

Então, com a ajuda do SESI, os moradores organizaram um grupo de escoteiros, que inscrevendo 150 garotos, todos filhos de operários. O resultado foi uma transformação radical. Aplicando-se uma política educacional baseada nos ensinamentos do SESI, da vida escoteira e militar, elaboramos um intenso programa de instrução.⁵⁸

Ou seja, aos filhos dos funcionários eram destinados programas que remetiam a uma experiência de obediência e disciplinarização que marcariam sua educação além do âmbito escolar. Para Friggotto, o direcionamento dos programas a esse grupo familiar operário é visto como praticamente obrigatório, além de ser considerado um complemento à renda familiar:

O conteúdo reflete os debates sobre a inserção precoce de crianças e jovens no trabalho, em detrimento do direito à educação de primeiro e segundo grau, e tece críticas às políticas focalizadas e fragmentadas, fortemente presentes no governo. Reflete, de outra parte, a situação de estagnação e o consequente aumento do desemprego e da pobreza, obrigando as famílias da classe trabalhadora a buscar estratégias de sobrevivência no trabalho de crianças e adolescentes.⁵⁹

Iop⁶⁰ argumenta que o ensino nesses moldes fordistas é marcado sobretudo pela filosofia positivista e o Behaviorismo. Esse ponto é percebido na própria matriz curricular do SESI e do SENAI. Encontra-se em tais currículos formas de condicionar o aluno, tendo como

57 OLIVEIRA, Da Silva Cristiane. A relação entre trabalho e educação no Brasil. In: IX seminário nacional de estudos e pesquisas "história, sociedade e educação no Brasil, 2012, João Pessoa. Anais Eletrônicos: Universidade Federal da Paraíba, 2012. p. 4126

58 WEINSTEIN, B. (Re)formação da classe... op cit., p.242

59 FRIGGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. O estado-da-arte... op. cit, p.. 77

60IOP, Elizandra. Trabalho docente: uma leitura de condições nos modelos produtivos Fordista/Taylorista e Toyotista. In: Colóquio Internacional de Educação, Joaçaba (SC), 2011. p.

objetivo racionalizar funções específicas, ou seja, adequá-lo a partir de instrumentos como o escoteirismo e disciplinas que priorizavam higiene e tarefas domésticas.

Frigotto e Ciavatta apontam que essas disparidades na disciplina escolar vão de encontro também a uma educação crítica que contrariariam o sistema vigente:

O confronto no âmbito da concepção de práticas educativas na escola dá-se entre tecnicismo, economicismo, fragmentação, dualismo e a perspectiva da escola pública, gratuita, laica, universal, unitária, omnilateral, politécnica ou tecnológica. Trata-se de conceitos, por um lado de tradição republicana (escola pública, laica, gratuita e universal) e, por outro, de tradição marxista (unitária, omnilateral, politécnica ou tecnológica).⁶¹

Iskarder e Leal⁶² apontam que o positivismo trouxe benefícios como o planejamento e a busca pela tecnologia, assim como a racionalidade e o objetivismo dentro do ensino profissionalizante. Enquanto isso, Iop argumenta que o positivismo adotado carece de um ensino crítico e forma alunos apenas mecanizados que cumprem uma função de trabalho mecanizada.

Portanto, a relação da educação e trabalho dentro desses sistemas fordistas nas décadas de 1950 e 1960 são marcadas por uma hierarquia pedagógica que no ensino técnico ou regular buscam limitar o trabalhador ou seus descendentes a uma lógica submetida ao capital e ao que ele propõe. Logo, esse modelo educacional é baseado em uma imposição civilizatória que desconsidera a história e a cultura do operário, cujo suposto “vazio” sociocultural poderia ser preenchido pelos valores da empresa.

2.2 - O trabalhador e a educação no contexto militar.

O modelo ideal de trabalhador também foi uma preocupação governamental no contexto da Ditadura Militar brasileira (1964-1985). A educação nesse período é marcada por reformas no ensino básico e uma ampla interferência dos militares para que os estudantes se adequassem a essa formação marcada por um período de entrega ao cenário do capital. O trabalhador brasileiro continua seguindo a lógica de modernização marcada pelo ensino técnico, para especializá-lo em suas funções.

Para formação desse trabalhador na ditadura militar investe-se no ensino tecnicista, portanto, para contribuir também com o plano do governo de ampliação do seu projeto de poder:

⁶¹ FRIGOTTO, Gaudêncio; ANOS 1980 E 1990: a relação... op. cit p.. 39. 2006.

⁶² ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL Rute Maria. SOBRE POSITIVISMO E EDUCAÇÃO. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.3, n.7, p. 89-94. 2002. Disponível em : <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4897/4855>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

Nesse contexto, a ideologia tecnicista servia como um invólucro mistificador do projeto ‘Brasil Grande Potência’ que os governos dos generais-presidentes utilizaram para justificar (...), assim, a propensão em transformar o Estado aos moldes de uma grande empresa, gerenciado por técnicos que absorvessem as funções da política pela dita eficiência que eles representavam, constitui-se no *leitmotiv* da ideologia tecnicista que embalava o regime militar.⁶³

As discussões sobre a educação ocorridas nesse período constam sobretudo pelo caráter cívico e moral devido a Ditadura Militar. Frigotto aponta que os usos dessas perspectivas pelo regime, sobretudo, eram incentivados pelo governo a fim de transformar essa mão de obra em um trabalhador robotizado, adequando-o a lógica do capital. Essa mecanização usada pela empresa torna-se debate no fim da década de 1980 a uma massiva reforma em toda a América Latina que contava com reformas trabalhistas que flexibilizava os direitos dos trabalhadores.

A modernização conservadora impõe reformas educacionais ajustadas ao processo de desregulamentação e privatização. A educação, de direito social e subjetivo, passa a ser vista como serviço, e seu ideário é o pensamento dos aparelhos de hegemonia do capital. Na formulação teórica e nas políticas concretas, instaura-se uma profunda regressão ao produtivismo, fragmentação e economicismo. A reforma da educação profissional, por ser de interesse direto do capital, talvez expresse essa regressão de forma mais emblemática, bem como um tecido cultural na área, no plano dirigente, mas não só, predominantemente conservador.⁶⁴

Sobre a relação entre o bem estar social e educação, percebe-se uma ligação entre o grau de instrução escolar e a produção operária:

No âmbito educacional, constatamos o surgimento da teoria do capital humano como explicação reducionista da não-universalização das políticas regulatórias e do Estado de bem-estar, como indica Hobsbawm (1990 e 1995). Passa-se a ideia de que a desigualdade entre nações e indivíduos não se deve aos processos históricos de dominação e de relações de poder assimétricas e de relações de classe, mas ao diferencial de escolaridade e saúde da classe trabalhadora. Associam-se, de forma linear, a educação, o treinamento e a saúde à produtividade⁶⁵

Por seguir a lógica do capital, a escola adota mecanismos que reproduzem o sistema vigente, seja no incentivo ao ensino técnico ou nas disciplinas no nível básico:

Para a sua sobrevivência o regime militar tinha que formar indivíduos de acordo com a ordem vigente. E uma estratégia de intervenção do Estado com esse propósito na área educacional foi a implementação e a obrigatoriedade da disciplina moral e cívica⁶⁶

Oliveira complementa essa análise partindo do ponto de diversos autores como Kuenzer que esse modelo de escola é limitante ao ensino reflexivo:

63 FERREIRA, Amarílio; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p.333-335. 2008, p.342. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 30 de julho de 2019.

64FRIGOTTO, Gaudêncio;. ANOS 1980 E 1990: a relação entre op. cit. p.. 49

65 Ibidem, 2006, p.61

66 GIORGI, Maria Cristina; ALMEIDA De Sampaio Fábio. OPSIS, Catalão-GO, v. 14, n. 1, p. 272 - jan./jun. 2014

Segundo Kuenzer (IDEM), a escola, mediante o sistema capitalista dominante, historicamente vem se organizando de acordo com as mudanças ocorridas nos modos de produção e funcionamento do setor produtivo gerando, com isso, prejuízos incalculáveis à formação do indivíduo/cidadão e ao desenvolvimento da sociedade uma vez que a incorporação de princípios econômicos à instituição escolar resulta na negação de sua essência, pois à medida que traz para sua realidade, mecanismos voltados ao atendimento das necessidades produtivas do sistema ela contradiz sua especificidade de instituição formadora ao gerar uma educação restrita e condicionada ao cumprimento da alienação humana.⁶⁷

Analisando esse contexto de transição da Ditadura Militar para o período democrático é analisado por Frigotto e Ciavatta. Pode definir esse período por políticas do governo marcadas por adoções de medidas liberais, sobretudo a partir da década de 1980:

Nos termos acima colocados na categorização das conjunturas feitas por Boris Fausto, a década de 1980 define-se como uma conjuntura em que, ao mesmo tempo, se tenta romper com o regime da ditadura e seu modelo econômico-social e se “acumulam condições, assinalam derrotas ou vitórias parciais no caminho da ruptura” dessa situação histórica para uma transição que o tempo nos mostrou ter sido restrita e, assim mesmo, interrompida. Poderíamos dizer que a década começou em 1979, com o reaparecimento em cena da classe trabalhadora, e terminou em 1989, com a queda do Muro de Berlim, elaboração da cartilha ou credo das políticas neoconservadoras ou neoliberais, batizada de Consenso de Washington, e a eleição de Collor de Mello.⁶⁸

Acerca dessa organização da necessidade de produção e qualificação profissional operária, seria responsável também além da alfabetização mais dinamização e celeridade para melhorar as próprias funções do operário ao trabalho. Surge um movimento contrário ao tecnicismo em massa, e a educação novamente passa por reformulações, sobretudo por uma base mais emancipadora.

A área educacional, capitalizando o debate crítico e o confronto de concepções, mobiliza-se com novas experiências e lutas. De início em cidades (já ao findar a década de 1970) e, depois, em estados (Paraná, Minas), estruturam-se propostas alternativas de educação, tendo como foco a democratização e a superação do tecnicismo. Também o movimento sindical docente cresce e rearticula-se.⁶⁹

Essa transição marcada além do esgotamento do bem-estar social ocorre no mesmo contexto do fim da ditadura militar e a adoção de políticas neoliberais, já no final da década de 1980 e início em 1990, de ensino marcadas sobretudo pela precarização do ensino público e comercialização da educação.

Ainda nesse contexto neoliberal, a meritocracia torna-se mais rígida e os serviços oferecidos aos trabalhadores cada vez mais diminuídos. Por isso, a experiência educacional nas empresas passa, portanto, a seguir a mesma linha de produtividade:

No senso comum e dentro da vulgata neoliberal, hoje, trabalho e trabalhador produtivos estão profundamente permeados pela ideia daquele que faz, que produz

67 OLIVEIRA, Da Silva Cristiane. A relação entre trabalho op. cit. p. 4118

68FRIGOTTO, Gaudêncio;. ANOS 1980 E 1990: a relação entre op. cit, p.. 34

69Ibdem, p.. 34. 2006.

mais rapidamente, daquele que tem qualidade ou que é mais competente. O fulcro central das visões apologéticas de produtividade e de trabalho produtivo resulta na ideia de que cada trabalhador é socialmente remunerado ou socialmente valorizado para manter-se empregado ou não, de acordo com sua produtividade, vale dizer, de acordo com sua efetiva contribuição para a sociedade, ou seja, o que o trabalhador ganha corresponde àquilo com que contribui, e o que cada um tem em termos de riqueza depende de seu mérito, de seu esforço.⁷⁰

Sobre o declínio do ensino profissional na década de 1980, Frigotto e Ciavatta complementam: “Os anos 1980 são marcados por três grandes questões: o esgotamento da profissionalização obrigatória, implantada pela Lei n. 5.692/71; a discussão da relação trabalho e educação versus educação e mercado de trabalho; a educação na Constituinte; e a nova lei da educação.”⁷¹

Assim como o modelo adotado em outras empresas, o SENAI torna-se parceiro de diversas indústrias no país no contexto militar que fomentava o ensino tecnicista. Na Amazônia, a empresa icomiana, é um dos exemplos de adoção desse modelo, no qual, por trás da capacitação do operário há também o viés “modernizador”. Percebe-se um modelo de ensino reproduzido por outros, como parte da integração da educação ao capital, logo, tanto o filho do trabalhador quanto sua família, segundo tais empresas, precisam adaptar-se a esse sistema “civilizatório”.

70 FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. *Educar o trabalhador... op cit*, p. 50

71 *Ibidem*,. 2006, p.85

Capítulo 3 - Educação Icomiana em Serra do Navio - Experiências docentes e a nova roupagem educacional ao “caboclo operário”.

3.1 A Escola de Serra do Navio como formadora do futuro cidadão ideal.

Dentre uma das possibilidades de análise da educação icomiana está inicialmente o estudo acerca da organização do escolar. As escolas criadas pela empresa e inauguradas concomitantemente com a efetivação das *companys towns* reproduziam um modelo de ensino comum a empresas e indústrias de base fordistas já analisadas. Como parte desse sistema de ensino fortalecido pela empresa, a revista *ICOMI Notícias* tornou-se instrumento também de propagação desse ideal de educação movida para a civilização.

A Escola de Serra do Navio (ESNAV) surgiu em 1959 contando com cerca de 250 crianças e uma equipe profissional formada por professores, diretoria e coordenação pedagógica na sua instalação em Serra do Navio. Na Vila Amazonas onde se localizava a Escola da Vila Amazonas (ESVAM) funcionariam as seis primeiras classes, passando a ofertar seu ensino em 1961⁷². Em 1962 uma biblioteca surge em Serra do Navio, a partir daí o local passou a ter grande importância para a reprodução da educação icomiana e de funções além das oferecidas pela escola, e através dela, seus alunos eram incentivados a leituras, e a participar de atividades tais como concursos literários de poesia.

Dentre as características de empresas que adotam o modelo educacional fordista, a exaltação patriotista e o nacionalismo exacerbado eram um dos mais comuns. Em Serra do Navio e na Vila Amazonas tais práticas eram representadas pelo hasteamento diário da bandeira nacional por escoteiros e alunos das escolas icomianas. Essa exaltação ao hasteamento também foi vista em escolas da década de 1950, em educandários administrados pelo SESI e SENAI.

Porém, no caso de Serra do Navio, as festividades com temáticas patrióticas acabavam por envolver toda a vila, não apenas a comunidade estudantil. Weinstein, ao se aprofundar no caso paulista nota essa exaltação a partir de várias atividades cotidianas:

É impressionante o grau de importância que o SESI e o SENAI davam a esses feriados como o Dia da Bandeira, que não tinham nenhuma tradição especial nem sensibilizavam a população. Por exemplo, o primeiro número da revista Educador Social trazia instruções detalhadas sobre como honrar e manipular a bandeira brasileira⁷³

72 De acordo com a sessão “Surge uma nova geração” da Revista *Icomi Notícias* nº 1, publicada em Janeiro de 1964, as escolas surgem como “Centros Geradores de Progresso”.

73 WEINSTEIN, B. (Re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964). Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cortez, CDAPH-IFAN-Universidade São Francisco, 2000, p. 225.

Assim como na ESVAM, o exercício intelectual crítico em especial de questões sociais era suprimido, impondo aos alunos desde o ensino primário uma verdadeira idolatria à Pátria, Pimentel ao analisar a educação icomiana na escola da Vila Amazonas aponta tal uso para fins disciplinatórios:

A ICOMI, passou a dar pleno apoio a todos que desejassem implantar as atividades escoteiras em suas vilas. Serra do Navio foi a primeira a aderir com o ‘Grupo Tumucumaque’ criado em 10 de março de 1960, sob a liderança do professor de Educação Física José Paulo Rizzo, portanto, o civismo estava relacionado a pátria, exercitado de forma intensa e hábil. Na sede ou no acampamento os ensinamentos ministrados ‘adestravam os jovens, preparando-lhes para o espírito e fixando personalidade.’⁷⁴

Sobre esse ensino marcado pela busca dos padrões cívicos, Oliveira, ao analisar a educação amapaense partindo do estudo da escola doméstica defende:

A concepção de ensino esteve atrelada aos pressupostos da Escola Nova, que se refletiam, segundo Lobato (2009) nas seguintes características: os valores nacionalistas, os desfiles cívicos, o culto a símbolos nacionais, a militarização do ensino, a valorização do escoteirismo como atividade extra-escolar, o ensino integral (criação de momentos e ambientes com sentido educacional como teatro, canto orfeônico), a importância da escolarização para adquirir habilidades para a vida, preocupação com a formação moral, a higiene como matéria escolar, a relevância da Educação Física para atingir um corpo saudável, a proposição da ruralização do ensino como meio de fixar o homem à terra. Foram fundadas diversas escolas rurais no interior do Território e grupos escolares em Macapá, com o apoio financeiro do então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).⁷⁵

Figura 4: Alunos em Serra do Navio hasteando a bandeira nacional cotidianamente na ESNVAV na década de 1960.



74 FERREIRA, Polliana Pimentel. *A Educação na Amazônia do ‘Ouro Negro’: O programa educacional da ICOMI no Distrito de Santana/AP (1960-1984)*. 2019, 117 páginas. (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Amapá.

75 OLIVEIRA, Tatiana Pantoja: *Estado, Igreja Católica e a educação feminina: O papel estratégico da Escola Doméstica no Território Federal do Amapá (1951-1964)*. XXVIII Simpósio Nacional de História: Florianópolis, 2015, p. 58.

Fonte: Portal do Altamir. Disponível em:
<https://m.facebook.com/groups/412837839129148?view=permalink&id=726094091136853>. Acesso em 29/07/2019

Figura 5: Alunos da banda da escola num desfile tradicional de 7 de Setembro. Serra do Navio.



Fonte: Portal do Altamir. Disponível em:
<https://m.facebook.com/groups/412837839129148?view=permalink&id=728507247562204>. Acesso em 30 de Julho de 2019.

A banda da escola era formada pelos próprios alunos e era bastante utilizada principalmente nas festividades de comemoração à Pátria, sobretudo durante o feriado de 7 de setembro. Outra data festejada era o 8 de maio, em referência à fundação da ICOMI cujas celebrações envolviam toda a comunidade residente nos complexos habitacionais da empresa⁷⁶.

Sobre a organização pedagógica, o currículo escolar possuía alguns diferenciais em relação às escolas básicas. Um deles era disciplina denominada “Técnica Comercial” destinada apenas aos meninos. Através desta percebe-se a visão da empresa voltada não apenas ao homem operário, mas também para o futuro administrador, excluindo o público feminino das atividades empresariais.

Na escola havia também jornais internos que circulavam informações sobre a vivência em Serra do Navio e o cotidiano da ESNV. No *Mensageiro da Serra* continha publicação com premiações de professoras no qual uma das edições cumprimentavam as que obtinham

⁷⁶ A carga horária era semelhante a de outras escolas, aulas pelo período da manhã e férias de cerca de três meses.

resultado considerado satisfatório para a empresa, como número de aprovações. Nas memórias da professora Áurea Mello, ela recorda sobre as homenagens nos jornais:

Meu caro professor, durante este ano, sei que teve momentos de satisfação, de desânimo, de cansaço físico e moral, de impaciência, de incompreensão e assim tudo foi... Parabéns pelo que você conseguiu de melhor de progresso ou de estímulo junto a seus alunos. Parabéns pelo esforço que você despendeu trabalhando sinceramente embora nem sempre alcançando objetivo desejado⁷⁷

Os temas de leitura da biblioteca eram escolhidos pela empresa e costumavam ter variadas seções como economia, literatura infanto-juvenil e política que eram selecionados a partir da administração. Assim a aprendizagem política nas salas de aula gerenciadas pela ICOMI restringia-se ao dever cívico repassado pelas disciplinas de Educação Moral e Cívica. A competitividade entre os alunos era através da publicação de livros de autoria dos discentes com os melhores poemas e premiações

Figura 6: Capa da Revista *ICOMI Notícias*



Fonte: Revista *Icomi Notícias*, n° 1, Ano 1, 1964. Acesso disponível em : https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2018/04/memoria-ferroviaria-do-amapa-especial.html?fbclid=IwAR2A8Y4cxX_AiJ515K2W_TEA8mLwZqkgQHUoyws-C1_zomQINqsAItawGUg&m=1. Acesso em: 20 de Abril de 2018.

77 FORTES, Áurea Mello. *Serra do Navio*. Taubaté: Center Gráfica, 2018. p.117.

A empresa também buscava efetivar um ensino para além da vida escolar. Tratava-se, contudo de uma educação complementar ao lar. Por isso cabia às meninas disciplinas como corte, costura e bordados para tornar-se então a futura dona de casa ideal ao padrão da *company town* e da empresa.

Como aponta o relato obtido com a Entrevistada 1⁷⁸, a empresa oferecia material escolar, como uniforme, sapatos e livros produzidos pela própria ICOMI. Além de diversas formas de lazer, tais como o futebol e os clubes, é possível afirmar que havia ampla participação da comunidade também nos jogos escolares e nas festividades ocorridas nos meses de junho e de dezembro, logo, o próprio ambiente escolar tornou-se um meio de entretenimento.

Figura 7: Alunos da ESNNAV na década de 1960.



Fonte: Portal do Altamir. Disponível em :
<https://m.facebook.com/groups/412837839129148?view=permalink&id=427247657688166>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2019.

Nas memórias de dona Áurea Mello eram constantes os relatos entre desavenças de professores e a diretoria da empresa, causando inclusive uma ausência de diretoria da ESNNAV em 1963. A empresa omitia tais atritos na revista *Icomi Notícias* a fim de manter uma imagem

78 Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 25 de Junho de 2019

de serenidade e paz na vila, o incentivo a boa convivência entre os funcionários era estimulada pela busca da subjetividade do trabalhador ao criar um sentimento de pertencimento a própria empresa.

Disciplinas, assim como o programa para educação para o lar e economia doméstica, nas quais eram ensinadas a costura e outras tarefas domésticas, também eram reproduzidos nos artigos de ambas as empresas que incentivavam a partir delas um modelo de mulher.⁷⁹

A entrevistada 1 era moradora da Vila primária e estudante da ESNNAV no período de 1983 a 1989, e seu pai era comerciante em Serra do Navio. Por estudar em um período já marcado pelo início da redemocratização, e a partir de uma formulação uma nova base de ensino já tinha maiores possibilidades pedagógicas. No período final da escola a diferenciação entre as disciplinas através dos gêneros era diminuída gradualmente. Assim, na segunda metade da década de 1980 passou a ser permitido acessar grades curriculares que antes eram rigidamente separadas por gênero. Desse modo, as meninas podiam optar por marcenaria e os meninos por educação para o lar:

Os meninos faziam mais a parte da marcenaria, e [embora para] a gente era meio arriscado lidar com aquelas máquinas, não tinha problema nenhum. Assim como os meninos, se quisessem participar da educação para o lar, que era outra matéria, podiam participar sem problema para a escola⁸⁰

Mesmo assim, segundo a entrevistada 2⁸¹, estudante da ESNNAV no período de 1982 a 1989, e filha de um dos engenheiros do estado de Minas Gerais que acompanharam Augusto Antunes desde o período de efetivação da empresa no Território, era restrita a participação de meninas em disciplinas consideradas masculinas, apesar do interesse das estudantes em participarem.

Em face a isso, serviços como o do âmbito educativo tornam-se diferencial por ser em uma localidade isolada e estrategicamente usadas pela ICOMI para atrair funcionários.

A ICOMI buscava familiarizar os alunos com os trabalhos realizados pela mineradora em Serra do Navio, e para isso eram organizadas visitas e passeios escolares para as minas, assim como palestras realizadas por geólogos e biólogos que explicavam o sistema de funcionamento da extração de manganês. Como recorda a entrevistada 1:

A gente tinha algumas atividades escolares que a gente fazia na vila e tinham muitas atividades que a própria família ajudava a gente na escola... feira de cultura, jogos escolares, era como se a vila parasse para participar desses eventos junto com os alunos, com os filhos⁸²

79 No SESI era impensável a mulher operária, era tida apenas como o ser dedicado ao lar e a educação dos filhos.

80 Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 25 de Junho de 2019

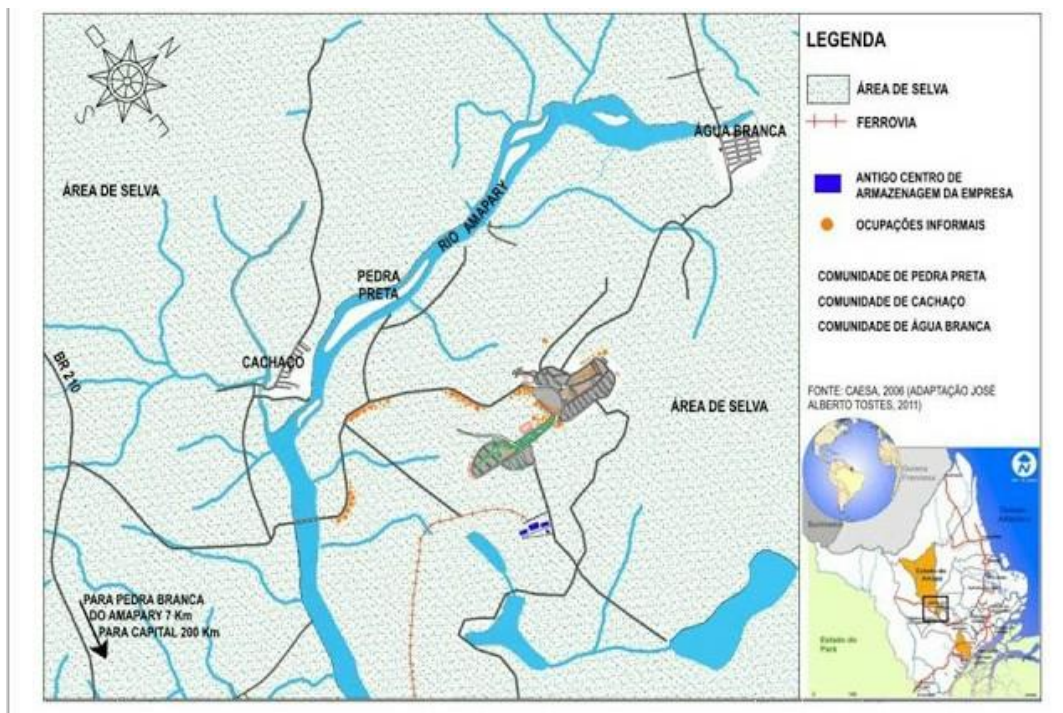
81 Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 24 de Julho de 2019

82 Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 25 de Junho de 2019.

Segundo relatos, a escola promovia a partir do incentivo a leituras e pesquisa nas áreas de ciências naturais e o contato desde cedo com a geologia. Percebe-se que a estratégia da empresa era aproximar também os alunos das atividades laborais da empresa desde as séries iniciais.

Embora a escola fosse destinada aos filhos dos funcionários, por um sistema de vizinhança no qual o seu pai comerciante era bem acolhido pela vizinhança da vila, era possibilitado a entrevistada 1 frequentar as aulas em Serra do Navio. Para os filhos dos demais moradores que trabalhavam de maneira informal ou terceirizada, como babás e motoristas, havia a escola localizada na região do Cachaço:

Figura 8: Mapa da localização da região do Cachaço



Fonte: BLOG do Castel Roger. Disponível em: <http://castelroger.blogspot.com/2012/08/regiao-do-cachaco-serra-do-navio.html>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2019.

Souza, aborda a existência de diferentes estratificações e formas de exclusão entre os trabalhadores da ICOMI, e afirma que o entorno dos domínios da empresa era caracterizado por baixos níveis de qualidade de vida:

Apesar da ICOMI ter construído modernos núcleos urbanos no TFA às margens destes surgiram áreas extremamente díspares, como na vila do Cachaço, a vila do

Elesbão, o Maconhão, bem como diversos assentamentos das margens da estrada de ferro⁸³

O padrão diferenciado no qual a entrevistada 1 estava inserida, o sistema de normas da empresa permitia que pudesse ser incluída nesse contexto. Apesar de estudar no período de maior flexibilização da escola, a diferenciação dos demais filhos dos funcionários na convivência escolar não era perceptível:

Tinha muita integração entre a escola de Serra do Navio e a comunidade, principalmente nas atividades extracurriculares, nos festejos, então, não tinha como a comunidade não participar, até porque todo mundo funcionário da ICOMI, os filhos estudavam lá, então tinha como separar uma coisa da outra. Era nas festas tradicionais, festas juninas, até nas apresentações, tinha feira de ciências, feira de cultura, a comunidade participava, prestigiava e até porque também era mais uma forma de lazer, uma coisa diferente, apesar da gente não sentir tanta falta, eu pelo menos. Tinha uma integração muito grande assim. A comunidade participava da escola, a escola fazia questão da comunidade participar. Era bem grande a integração.⁸⁴

Mello relata que em Santana havia uma casa do estudante que abrigava filhos dos funcionários de Serra do Navio que frequentavam o ginásio ou cursos superiores em Macapá. Na primeira edição da Revista ICOMI são exaltadas as condições físicas das escolas como sinônimo de qualidade de ensino:

A educação mereceu cuidados especiais da ICOMI desde os primeiros dias de suas operações no Território Federal do Amapá. Salas de aula foram instaladas nos acampamentos pioneiros, e à medida que o trabalho progredia nos canteiros melhoravam-se as condições oferecidas aos que tinham a tarefa de educar e aqueles que precisavam aprender.⁸⁵

A estrutura da Escola de Serra do Navio contava com piano, playground, biblioteca e orientação educacional para atender alunos da pré-escola até a quinta série. O isolamento da *company town* era fator também de prejuízo a saúde mental das professoras, inclusive suscitando casos de depressão.

Ressalta-se que a escola assumia funções além do educacional, como por exemplo, realização de batismos no local, em função do atraso na construção da capela. Assim as missas ocorriam no salão do cinema localizado nos fundos do educandário e eram celebradas pelos padres italianos Ângelo e Damião. Na escola o sacramento da primeira comunhão era responsabilidade das próprias educadoras.

Percebe-se que através da subjetividade de aproximar o estudante icomiano com a empresa, como por meio das disciplinas do ensino básico que os inseriam no mundo do

83 SOUZA, Rômulo Moraes de. *Experiências femininas nos mundos do trabalho de serra do navio e vila Amazonas/ amapá (1960-1985)*. 2018, 106 páginas. (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018, p.30.

84 Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 25 de Junho de 2019

85 Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 25 de Junho de 2019

trabalho na Escola de Serra do Navio, a educação na *company town* tornou-se um dos meios da empresa de garantir o funcionário adequado.

3.2 - Experiências dos trabalhadores da educação icomiana

O controle exercido pela ICOMI também alcançava os relacionamentos interpessoais, pois professores e professoras solteiros eram desestimulados e até cerceados em suas intenções de manterem casos amorosos, o que, em parte, dava-se pela separação de alojamentos entre feminino e masculino.⁸⁶ Os professores eram proibidos de manterem relacionamentos dentro do staff com a justificativa de manter os padrões de moralidade.

Segundo Matos⁸⁷ “a empresa prestava bastante atenção nos funcionários solteiros, pois considerava que até um visitante representaria um perigo alarmante”, especialmente quanto à conduta sexual dos seus empregados.

Porém uma exceção ocorreu em 1980, quando dois professores solteiros, sendo um originário de Belo Horizonte e outro do Território Federal do Amapá conseguiram manter-se na empresa. O professor, migrante de Minas Gerais relatou em sua entrevista a proibição quanto aos namoros em Serra do Navio, embora tenha conseguido uma excepcional autorização para relacionar-se com uma colega de profissão contando com isso com o apoio de colegas da escola.

A justificativa dada pela empresa para tal proibição passava pelo suposto prejuízo com indenizações financeiras com a demissão dos funcionários envolvidos, além da necessidade de repor o quadro, tendo em vista a ausência de profissionais especializados na área na *company town* e o tempo que estavam na escola.

A empresa, contudo, rígida em seu padrão comportamental, não hesitou em demitir professoras com base na proibição de relacionamentos amorosos. Nesse sentido, Mello afirma que a empresa teria demitido uma diretora da escola de Serra do Navio por relacionar-se com uma pessoa da chamada vila intermediária, após o que foi enviada de volta ao seu estado natal. Porém, três outras professoras teriam solicitado sua demissão da empresa em solidariedade a colega.

Ainda em sua autobiografia, Áurea Mello recorda que embora houvesse uma divisão entre os funcionários categorizados por suas funções e diferentes tipos de moradias, no caso

86 Ver, PAZ, Adalberto. *Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do cabolo-operário no início da mineração industrial amazônica*. Belém: Paka-Tatu, p. 176-178.

87MATOS, Marlos Vinícius Gama. **Saúde e trabalho nas cidades do manganês**: O programa de saúde da ICOMI no Amapá (1961-1975). Orientador: Adalberto Junior Ferreira Paz. 2018. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

dos professores transmitia-se a ideia de avanço tecnológico em relação ao ensino se comparado àquele disponível no Território Federal do Amapá.

No setor educacional [a escola de Serra do Navio] conta com valorosa equipe de professoras e prédio escolar instalado nos moldes mais modernos. Tais professoras na maioria paulistas, além de paraenses ou de outros estados do Brasil, contam com a orientação, apoio e direção de uma consultoria especializada residente em SP.⁸⁸

Os professores passavam por variados cursos de capacitação que costumavam ocorrer em Belo Horizonte a fim de “modernizar” a escola e adotar um sistema de ensino mais perto dos padrões de ensino do sul e do sudeste partindo da adoção de diversas técnicas distantes do saber local. A diretora da ESVAM havia sido enviada a Minas Gerais para realizar o “Programa Americano Brasileiro do Ensino Elementar” (PABAE).⁸⁹

Nas colunas do *Mensageiro da Serra* havia mensagens aos professores no fim do ano que incentivavam o convívio no âmbito escolar e maior aplicação ao cotidiano estudantil. Também era feita uma despedida aos professores que não iriam retornar ao Território Federal do Amapá. As professoras recém-chegadas ao território tinham a sua postura rigorosamente analisadas.

Na revista *ICOMI Notícias* constam homenagens às professoras que iriam embarcar para suas cidades natais após um ano letivo de intenso trabalho, o que incluía uma despedida com coquetel na sede do Santana Esporte Clube em 1964.⁸⁹ Todavia essas professoras deviam seguir um modelo de roupa e estética capilar consideradas adequadas perante a moral da empresa.

Ainda que o padrão cívico fosse ampliado a outras funcionárias da empresa, as mulheres professoras recebiam uma cobrança a mais. Como afirmou Mello: “A professora além de lecionar é uma educadora”⁹⁰, logo um exemplo para a comunidade escolar.

Os professores nesse contexto atendiam a uma função além da escolar. A própria adoção da escola por se responsabilizar pelos sacramentos católicos demonstra um padrão de operário cristão e da família a ser moldado. Como já apontado, a ICOMI incentivava desde cedo em seus alunos o espírito competitivo, seja através de competições literárias ou esportivas, inclusive entre os estudantes das duas escolas da empresa. Os professores tornam-se também instrumento ao estimular tais competições justificando aguçar o desenvolvimento dos seus estudantes. Pimentel afirma que tal incentivo fazia parte do próprio sistema da ICOMI:

88 FORTES, Áurea Mello. Serra do Navio... op.cit, p.117. 2018

89 Time de futebol criado pela empresa

90 FORTES, Áurea Mello. Serra do Navio... op.cit, p.117

De forma colaborativa em concordância ou não com esse programa pedagógico, os professores das Escolas Elementares da ICOMI, eram cientes de seus papéis e, ao se tornarem parte da empresa, assumiam esse compromisso, tendo que estimular os supostamente mais capacitados a tornarem-se adultos bem-sucedidos dentro dos espaços da empresa.⁹¹

Todavia, os professores icomianos, apesar do rígido controle no âmbito educacional respondiam positivamente aos benefícios da empresa, visto que a fomentação de cursos de capacitação eram tidas como alta tecnologia educativa. Todavia, ainda pouco voltada para a realidade local, o saber americanizado exaltado partindo da ótica fordista incluía não apenas os alunos, mas toda a comunidade escolar.

Sobre esse processo educacional, aponta que o resultado desse modelo de educação é prejudicial ao próprio professor:

Em meio a esse processo, muitas escolas são equipadas com tecnologia educativa, em que o professor não necessariamente necessita realizar a práxis pedagógica, ou seja, conceber a aula, basta apenas operar a ferramenta que ela mesma se encarrega de transmitir o conteúdo, agravando e muito o trabalho docente, o que determina um enfraquecimento na categoria dos professores na sociedade.⁹²

Aos professores de fora do Território, em sua maioria, eram destinadas aulas de História, Geografia e Economia do Território e dos cinco municípios existentes.

3.3 - O ensino profissional da ICOMI

O SENAI tornou-se parceiro da ICOMI ao contribuir com cursos de treinamento profissional. A primeira edição da revista *ICOMI Notícias* reforçava o caráter de “adestramento” dos funcionários, que precisavam ter padrões mais civilizados. Conforme destacava a *Revista SENAI*, os principais pontos oferecidos pelo curso eram de apoio a indústrias e empresas que buscavam aumentar o índice de produtividade e eficiência.

Porém, esse treinamento daria apenas para os funcionários locais, tidos como incapazes e não civilizados. Os cursos profissionais demonstram não apenas uma complementação ao saber técnico para operar o maquinário, mas também uma complementação para adequar os trabalhadores das minas às exigências que teriam em Serra do Navio. Adicionalmente visava também introduzir os demais funcionários residentes nas adjacências da *company town* à formação individual e disciplina do mundo do trabalho industrial.

91 FERREIRA, Polliana Pimentel. A Educação na Amazônia op. cit. 2019, p.65

92 IOP, Elizandra. Trabalho docente: uma leitura de condições nos modelos produtivos Fordista/Taylorista e Toyotista. Colóquio Internacional de Educação, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/coloquiointernacional/article/view/1201>. Acesso em: 28 abr. 2021.

O SENAI baseia-se ainda em um trabalho de aprendizagem no modelo europeu de um sistema dual (escola/trabalho) que barateava o sistema educativo e gerava assim um custo benefício ao Estado e as empresas que adotavam esse sistema:

Desde a sua criação, postulava-se que as empresas de grande porte eram as que mais se beneficiariam dos serviços do SENAI, devido ao maior uso de trabalhadores qualificados. Desse modo, elas deveriam assumir uma parcela maior do custo de aprendizagem⁹³

Porém, esse sistema tornou-se obsoleto para os jovens, devido a outro método adotado pelo regime militar de menor custo financeiro, mas que também propunha a ocupação profissional do indivíduo.

Devido à oferta da ICOMI de cursos de alfabetização aos seus funcionários, a possibilidade de ascensão profissional dentro da *company town* tornou-se almejada. Ressaltam-se dois casos que a obtiveram.

Na Revista *ICOMI Notícias* nº 1, a seção “Josino” narra à história de Josino Paixão Maciel, garimpeiro recrutado pela empresa em 10 de abril de 1950 devido a conhecimentos empíricos da região para ser motorista e contou com incentivos em Serra do Navio para continuar trabalhando e estudando. Na sessão “Melhorando Conhecimentos” consta também o caso de José Bandeira da Silva que já era trabalhador da empresa e através da mesma buscou aperfeiçoar-se no curso profissionalizante de Mecânica Automotriz Industrial e Diesel. Percebe-se pelo caso dos dois funcionários uma ampla exaltação a continuidade e capacitação para aumento da eficiência no ambiente de trabalho.

Complementando os dois primeiros casos, Mello afirma:

Muitos empregados tem se aproveitado dos cursos da ICOMI para melhorar de situação. Francisco Almir de Lima é hoje chefe pessoal no edifício de administração, em cujos alicerces ele trabalhou há 13 anos. José Duarte da Silva deixou a vida dura de garimpeiro em 1951 por um emprego de trabalhador braçal na ICOMI, hoje ele é capataz de mina encarregado de toda a extração do minério.⁹⁴

Áurea Mello recorda também os casos de superação de índices de baixo aprendizado com contribuição da empresa: “Graças às escolas nas turmas, o analfabetismo que no início prejudicava metade dos trabalhadores quase não existe mais. Muitos empregados têm se aproveitado dos cursos da ICOMI para melhorar de situação”⁹⁵

Tanto os cursos profissionalizantes como o ensino básico na Escola de Serra do Navio possibilitaram que na *company town* de Serra do Navio abrangesse um ensino voltado a capacitação do funcionário desde a infância, perpassando até empregados que já atuavam nas minas para que o trabalho pudesse ser operado de forma mais capacitada.

93 SENAI. DN. Asplan. SENAI; desafios e oportunidades; subsídios para a discussão de uma nova política de formação profissional para a indústria no Brasil. Rio de Janeiro, 1994. p.21

94 FORTES, Áurea Mello. Serra do Navio... op cit p.71.

95 Ibidem, p.71.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisado no trabalho, a natureza de uma *company town* remete a um sistema de controle dos mais variados âmbitos que se interligam com a necessidade de trabalhadores fortes, saudáveis e que abrange toda a sua família passando por mecanismos que os levam a aproximar-se da empresa pelo modo subjetivo dos auxílios a eles recebidos.

No âmbito educacional, as experiências fordistas analisadas ao longo do trabalho desde 1950 demonstram que diversas empresas e indústrias adotaram um padrão educacional que, somado a um sistema de cidade-modelo, visava regulamentar o padrão de ensino ofertado aos filhos dos trabalhadores. Em consonância, seguiam a lógica do sistema capitalista de produção, limitando ao máximo as formas reflexivas de seus modelos educativos. Para isso, o currículo escolar previa desde cedo disciplinas que enalteciam, por exemplo, o civismo e a circunscrição das mulheres ao espaço doméstico.

Assim, percebe-se que a educação icomiana na *company town* de Serra do Navio no campo do ensino básico buscou solucionar entraves que pudessem de algum modo obstaculizar o discurso civilizatório da empresa. Desse modo, a ESNV cumpriu não somente o papel de alfabetizar os filhos dos funcionários, como também de disciplinarizá-los a partir dos padrões de trabalhador e donas de casa ideais.

Assim, os moradores ingressavam no sistema industrial também por meio dos cursos profissionalizantes, comuns ao sistema industrial do período, tendo muitas das suas experiências empíricas de trabalho manual aproveitadas ou readaptadas.

Ressalta-se principalmente o caráter sexista desse modelo educacional, que estabeleceu uma disparidade entre as disciplinas ofertadas aos gêneros feminino e masculino, diferença que era discursivamente reforçada pelas edições da *Revista ICOMI Notícias*. Dessa forma, aos meninos eram destinadas tarefas de marcenaria e conhecimentos acerca de negociações administrativas por meio da disciplina de “técnica comercial”, enquanto as meninas, educadas para serem futuras donas do lar, eram envolvidas em atividades tais como corte e costura e noções de limpeza para que mantivessem uma higiene impecável.

Revisando a historiografia sobre a ICOMI, percebeu-se que a questão educacional ainda é um dos temas sobre os quais existe a necessidade de maior aprofundamento, para além de outras formas de formação do trabalhador. Nesse sentido, os depoimentos orais também ajudam a desvendar outras formas de se enxergar a empresa partindo dos moradores que ali há muito tempo residiam, até os que viam os impactos causados por uma nova cidade no meio da floresta amazônica, e aqueles que frequentemente se mudavam para acompanhar suas famílias.

Em sua maioria, os relatos são saudosistas quanto aos tempos da educação icomiana, devido ao sentimentalismo sobre os auxílios ofertados pela empresa e principalmente devido à sensação de segurança que muitos tinham desde a infância. Estudar e poder lecionar na Escola de Serra do Navio era, portanto, visto como motivo de orgulho devido à alta tecnologia educativa do ponto de vista estrutural dos sistemas que a empresa oferecia comparado a outras escolas da região.

Logo, é possível afirmar que o modelo educacional da ICOMI em Serra do Navio cumpriu em grande parte o objetivo pretendido pela empresa de obter expressivos índices de ensino entre a população residente em suas *company towns*. Por outro lado, tais padrões educacionais acabavam por expor a enorme disparidade social existente entre a educação disponível às famílias operárias daquela ofertada aos filhos dos demais moradores do Território Federal do Amapá.

FONTES

Entrevistas:

Entrevista 1 - Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 25 de Junho de 2019

Entrevista 2 - Entrevista cedida a Elen Vitória Chagas de Medeiros no dia 24 de Julho de 2019

Revista *ICOMI Notícias*:

SURGE UMA NOVA GERAÇÃO. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 02, jan. 1964.

NEM UMA SÓ CRIANÇA SEM ESCOLA. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 02, jan. 1964.

ACORDO ICOMI-SENAI. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 02, jan. 1964.

HOMENAGEM ÀS PROFESSORAS. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 02, jan. 1964.

PARA O HOMEM DA AMAZÔNIA, MÁQUINAS NÃO TEM SEGREDOS. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 02, jan. 1964.

A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA EMPRESA. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 4, p. 02, Abr. 1964.

COLABORAÇÃO REALÇANTE DAS ESCOLAS. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 6, p. 02, jun. 1964.

HOMENAGEM AOS DECENALISTAS. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 06, jun. 1964.

GAROTADA VÊ ONDE O PAPAÍ TRABALHA. *ICOMI Notícias*. Rio de Janeiro, n. 6, p. 02, jun. 1964.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: CATTANI, Antônio David; HOLLZZMANN Lorena (org). Dicionário do trabalho e tecnologia.; 2 ed. rev. ampl. Porto Alegre: Zoul, 2011
- BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos. Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BATISTA, Erika. Fordismo, taylorismo e toyotismo: apontamentos sobre suas rupturas e continuidades. *III Simpósio Lutas Sociais na América Latina*, v.2. 2008
- BAUMAN, Zygmunt; *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BLOCH, March. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRITO, Daniel. *Extração mineral na Amazônia: a experiência da exploração de manganês da Serra do Navio no Amapá*. Belém: NAEA/UFPA, 1994.
- DA CUNHA, Álvaro. *Quem explorou quem no contrato do manganês do Amapá*. Território Federal do Amapá: Editôra Rumo, 1962.
- CIAVATTA, Maria (coord.). *Memória e temporalidades do trabalho e da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- DA SILVA, Carlos Ernani Alexandre. *Exploração e degradação social dos trabalhadores na Amazônia: o Fim do Projeto Icomi*. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, SP, 2002
- DE JESUS, Samir. *Trabalho-educação e dominação do trabalhador: A formação histórica do caboclo serrano catarinense. 1992*. 150 páginas (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis
- FERREIRA, Amarilio; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. *Cad. Cedes, Campinas*, vol. 28, n. 76, p.333-335. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 30 de julho de 2019.
- FERREIRA, Polliana Pimentel. *A Educação na Amazônia do 'Ouro Negro': O programa educacional da Icomi no Distrito de Santana/AP (1960-1984)*. 2019, 117 páginas. (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019
- FORTES, Áurea Mello. *Serra do Navio*. Taubaté: Center Gráfica. 2018
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro. Graal. 1984
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010

- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. A formação do cidadão produtivo : a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006
- GIORGI, Maria Cristina; ALMEIDA De Sampaio Fábio. OPSIS, Catalão-GO, v. 14, n. 1 - jan./jun. 2014
- GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 18ª ed. São Paulo: Loyola
- IOP, Elizandra. Trabalho docente: uma leitura de condições nos modelos produtivos Fordista/Taylorista e Toyotista. In: Colóquio Internacional de Educação, Joaçaba (SC), 2011ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL Rute Maria. SOBRE POSITIVISMO E EDUCAÇÃO. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.3, n.7, p. 89-94. 2002. Disponível em :<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4897/4855>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.
- JUNIOR. Luiz Laboissiere. *Direito Ambiental do trabalho na atividade mineradora na Amazônia: um campo em construção*. 2011. 119 páginas (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) Programa de Pós Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas Universidade Federal do Amapá, Macapá. 2011
- KUENZER, A.Z. Exclusão incluyente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: Dermeval Saviani; José Luiz Sanfelice; José Claudinei Lombardi. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3ed. Campinas: Autores Associados, 2005
- LIGUORI, Guido. PASQUALE Voza; Orgs. *Dicionário Gramsciano (1926-1937)* Tradução: Ana Maria Chiarini; Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia de Bernadini-1 ed. São Paulo: boitempo, 2017
- MATOS, Marlos Vinícius Gama de. *Saúde e trabalho nas cidades do manganês: o programa de saúde da ICOMI no Amapá (1961-1975)*. 2018. Monografia. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.
- NUNES, Elke Daniela Rocha. *O controle social exercido pela ICOMI como estratégia de uso e ação sobre o território no amapá, de 1960 a 1975*. Dissertação de mestrado em Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. UNIFAP. Macapá, 2010.

- OLIVEIRA, Da Silva Cristiane. A relação entre trabalho e educação no Brasil. In: IX seminário nacional de estudos e pesquisas “história, sociedade e educação no Brasil, 2012, João Pessoa. Anais Eletrônicos: Universidade Federal da Paraíba, 2012.
- OLIVEIRA, Tatiana Pantoja: *Estado, Igreja Católica e a educação feminina: O papel estratégico da Escola Doméstica no Território Federal do Amapá (1951-1964)*. XXVIII Simpósio Nacional de História: Florianópolis, 2015
- PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. *Os mineiros da floresta: modernização, sociabilidade e a formação do caboclo-operário no início da mineração industrial*. Belém: Paka-Tatu, 2014..
- PAZ, Adalberto Júnior Ferreira.. Capital, trabalho e moradia em complexos habitacionais de empresa: Serra do Navio e o Amapá na década de 1950. In: AMARAL, Alexandre et al. *Do lado de cá: fragmentos de História do Amapá*. Belém: Açai, 2011.
- PORTEOUS, J. Douglas. The nature of the company town. *Transactions of the Institute of British Geographers*. 1970.
- SENA, Cristovam. *Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia*. Cad. hist. ciênc. v.4 n.2 São Paulo, 2008.
- SENAI. DN. Asplan. SENAI; desafios e oportunidades; subsídios para a discussão de uma nova política de formação profissional para a indústria no Brasil. Rio de Janeiro, 1994
- SOUZA, Rômulo Moraes de. *Experiências femininas nos mundos do trabalho de serra do navio e vila Amazonas/ amapá (1960-1985)*. 2018, 106 páginas. (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018,
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *História e memória da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operaria inglesa*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward Palmer. . *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VERGARA, Angela; Feliú Garcés Eugenio. A Modern Company Town in the Chilean Andes, In: VERGARA, Angela; Dinius, J. Oliver (org.). *Company Towns in the Americas: landscape, power, and working-class communities*. University of Georgia Press, 2011.
- WEINSTEIN, B. (Re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964). Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cortez, CDAPH-IFAN-Universidade São Francisco, 2000